

1701

BIBLIOTECA DE EXERCÍCIOS

OBSERVAÇÕES

S O B R E

O

COMMERCIO FRANCO NO BRAZIL.

P A R T E I.

PELO AUTHOR *Historia*

D O S

PRINCIPIOS DO DIREITO MERCANTIL. *Tratado de Direito Mercantil*

His Majesty implors the protection of Divine Providence upon that enterprise, rejoicing in the preservation of a Power so long the Friend and Ally of Great Britain, and in prospect of its establishment in the New World with augmented Strength and Splendour.

Speech House of Lords 20 Jan. 1808.

RIO DE JANEIRO. M. DCCC. VIII.

NA IMPRESSÃO REGIA.

5219

OBSEVAÇÕES
SOBRE
COMMERCIO FRANCO NO BRAZIL

— Se queres com pactos e lianças
De Paz e de Amizade, sacra, e nua,
Commercio consentir das abundanças
Das fazendas das terras, sua e tua;
Porque cresção as rendas e abastanças,
Por quem a gente mais trabalha e sua
De vossos Reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

Camões Lus. VII. 62.

RIO DE JANEIRO. M. DCCC. VIII.

SENHOR.



DEVENDO ser o voto de quaesquer fieis Vassallos, que o Nome de V. A. R. seja celebrado em todas as Nações; e sendo o meu principal empenho, que a Humanidade Consagre a V. A. R. o Titulo de Libertador do Commercio; Mostrando-se V. A. R. ante as Potencias da Terra, como o mais Sabio dos Reis, Salomão, e o mais Opulento, o Monarcha de Tyro, com quem se alliou, cuja riqueza, e magnificencia as Sagradas Escripturas tão sublimemente descrevem, conservando sempre o systema de Paz e Commercio com todas as Gentes, e abrindo os seus Portos para receber as mercadorias de todas as partes do Mundo; pagando assim todos os Póvos, sem força, e injuria, grandioso tributo á Sabedoria e Justiça desses Soberanos, tão dignos de seus illustres Thronos; considerei que seria de algum Serviço ao Estado o fazer apreciar no Publico a incomparavel Mercê, que V. A. R. se Dignou Conferir a estes seus Dominios Ultramarinos, Permittindo a Franqueza do Commercio; sendo este immenso Beneficio o Precursor de muitos outros, com que Se Liberaliza continuamente para o Bem Geral, e que assemelhão a V. A. R. ao Grande Tito, Imperador de Roma, a quem

quem os contemporaneos denominarão as Delicias da Humanidade , transmittindo-nos a Historia a sua insigne maxima , de que julgava perdido o dia , quando não fazia algum beneficio ao Imperio.

Tomei , Senhor , este trabalho , não porque a observancia das Resoluções Soberanas , que tanto manifestão a Bondade , verdadeiramente Real , que distingue o Pio Character de V. A. R. , e o constitue o mais virtuoso Principe de seu Seculo , precise de incitamentos estranhos , e menos de meus fracos esforços ; mas porque he proprio do Paternal Governo de V. A. R. , que tudo que emanar do Throno , seja recebido com amor , e executado sem differença de opiniões , com a mais cordial estima , e sincera convicção de ser conforme ao genuino e bem entendido Interesse Nacional.

Por isso supplico a V. A. R. a Graça de publicar , sob o Amparo de seu Augusto Nome , as presentes Observações sobre a primeira , e magnifica Obra , com que V. A. R. Foi Servido honrar a minha Patria (*) (que tem nome fausto , e allusivo a tão grandes successos) Pondo abi o solido , e profundo alicerce , ou , para melhor dizer , a Pedra Angular do Edifício da Civilisação , e Novo Imperio , que Declarou vir crear ; pois estou convencido , que a franqueza do Commercio , regulada pela Moral Re-

cti-

(*) A vastidão do Porto da Bahia , e sua situação em mar pacifico , quasi no centro do Globo , o constituem hum dos mais magnificos Emporios do Commercio do Mundo.

utilidade, e Bem Commum, he o principio vivificante da ordem social, e o mais natural, e seguro meio da prosperidade das Nações. Animei-me tambem a este empenho, porque V. A. R. tem protegido benignamente os meus trabalhos, que tenho dado á luz sobre os Principios do Direito Mercantil, e Economia Politica, onde (*) já expressei os meus sentimentos patrioticos, e ardentes desejos que tenho da Gloria de V. A. R., e que aqui reproduzo, na esperanza de os ver completamente realizados na rapida, e brilhante carreira, com que V. A. R. avança á immortalidade de seu Nome.

„ A Europa affaz deve o restabelecimento das
„ Letras, a intrepidez da Navegação, e os arro-
„ jos das especulações mercantis, aos inclytos Mo-
„ narchas Portuguezes, que lhe franqueárão o cam-
„ po das descobertas em Mares, Ilhas, e Conti-
„ nentes, que antes se ignoravão. Será de eterna
„ gloria ao AUGUSTO JOAÕ VI. Dar Primeiro o
„ exemplo de hum Imperio, em que a Razão, e Jus-
„ tiça triumphem dos prejuizos, e attentades, com
„ que até o presente se acha manietada a Indus-
„ tria, e o Commercio do Genero Humano. E se eu,
„ que mal sou hum atomo do Universo, entrar para
„ a immensidade desse Beneficio, ajuntando algum
„ grão á seara social, não almêjo a mais fortuna,
„ que o ser util, e poder unir a minha voz á
„ dos

(*) Pag. 32.

„ dos bons compatriotas , sendo o écho do nosso judi-
„ cioso Economista Duarte Ribeiro de Macedo , En-
„ viado que foi em Paris no anno de 1675 , que as-
„ sim se explica no Discurso da transplantação dos
„ fructos da India ao Brazil.

„ S. A. R. , Que Deos Guarde , He Obrigado
„ a procurar a abundancia , e felicidade dos Póvos
„ que Governa , e segurallos para que as logrem em
„ repouso ; e sem Commercio , e sem riquezas , na-
„ da disto Póde fazer. Tudo Fará se o Brazil der
„ os meios ; e Deixará felicissimo o Reino a seus Suc-
„ cessores ; por cuja conta correrá usar das rique-
„ zas no exercicio das Virtudes , em que unica-
„ mente consiste a Conservação dos Reinos. „

Rio de Janeiro 24 de Ju-
nho de 1808.

José da Silva Lisboa.

PRO-

P R O L O G O .

HAVENDO S. A. R. o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR franqueado aos Estrangeiros o Commercio do Brazil , nos termos da Carta Regia de 28 de Janeiro do corrente anno , datada , com feliz auspicio , da Cidade de S. Salvador , Bahia de Todos os Santos , onde , por Mercê da Divina Providencia , primeiro apportou, Vindo da sua Heroica Expedição do Reino , digna de ser Cantada por algum novo Camões ; e Tendo assim firmado a base de hum Liberal Systema de Economia Politica , de que se não vê exemplo , nem prototypo , em os Governos mais illuminados da Europa ; dando-lhe consequentemente esta Legislação huma Gloria singular , privativa , e inaufe- rível , que attrahirá a mais enthusiastica gratidão da Humanidade , e lhe hade segurar , sobre o Bra- zaõ de *Fidelissimo* , o philanthropico Titulo de *Libertador do Commercio* , que bem vale todas as Honras do Mundo , e será huma das mais brilhan- tes Joias de seu Diadema ; sendo (a meu ver) a mais adequada , não só a diminuir os males da nossa actual situação , mas tambem a elevar o Es- tado ao maior grão de Independencia e Riqueza : devendo aquelle *Estatuto Fundamental* ser talvez

algum dia (com os apuramentos da experiencia) a Lei *Constitucional* das Nações Commerciantes, como a famosa intitulada *Lei do Mar* dos antigos Rhodios, que se mandou guardar pelos Imperadores de Roma, e que ainda hoje he texto Capital nos Tribunaes de Commercio; não posso ver com indifferença não se ter ainda fixado sobre este objecto a opiniaõ publica, principalmente na Classe dos Homens de Negocio; quando aliás a concordia de sentimentos, em tudo que toca aos Interesses Nacionaes, he de summa importancia na presente conjunctura. Entendo portanto ser do meu dever (como de qualquer patriota) esclarecer, quanto puder, esta materia, desvanecendo as preoccupações do vulgo.

Não dissimulo, que as vantagens do Commercio Franco tem sido controvertidas por Escriptores de nota; e que as circumstancias de cada Paiz podem justificar algumas restricções, temporarias, ou permanentes, do trafico estrangeiro, compensando-se, por calculo prudente, com o Bem Geral. Assim protesto, que em nada intento deprimir o patriotismo, e merito dos que discordaõ de mim em tal assumpto. Respeito o juizo de todos: não presumo que o meu seja a medida da verdade: só desejo que prevaleça o que for realmente o mais util ao Estado. Porém sendo de presumir, que os Actos do Governo, e com especialidade em objecto de tanto momento, procedem da mais cir-
cun-

cunspecta Deliberação; e a firmeza dos Conselhos Soberanos constitua huma das mais essenciaes partes da Recta Administração, e Credito Publico; não he do decoro civil, que encontre opposição, ainda só de pareceres, sem a evidencia dos prejuizos, demonstrados por factos decisivos, e não por conceitos arbitrarios, e obstinado aferro á Systemas erroneos, caducos, ou impertinentes na crise actual.

Accresce que, tendo participado da honra de concorrer para a dita Resolução Soberana, sendo ouvido em qualidade official do meu Emprego, a equidade exige indulgencia á sustentação de principios, que já havia indicado em as minhas Obras, que não tem desmerecido o favôr do Publico. Se a presente discussão não parecer satisfactoria, estou prompto a responder ás difficuldades, que se objectarem em espirito de ingenuidade, e bem da Nação.

 PARTE PRIMEIRA.

QUAIQUER que seja o fundamento da Policia da Europa a respeito do Commercio dos diversos Estados Independentes, e suas Colonias, parece não poder entrar em duvida racional, que, depois da fatal desgraça da invasão do Reino, e assento da Côrte no Brazil, era de evidente, absoluta, e inevitavel Necessidade Politica, abrirem-se os Portos destes Dominios Ultramarinos ao Commercio Estrangeiro; tomando-se as medidas necessarias para a segurança dos Direitos de Importação, e Exportação, e prevenção dos abusos.

Que se pertende que praticasse S. A. R. em tão extraordinarias circumstancias? Quando Portugal acabava de soffrer a mais espantosa, inesperada, e total mudança em todas as relações commerciaes e civis, poder-se-hia, sem manifesto absurdo, continuar, durante este estado, o Systema Colonial antecedente, e em nada providenciar-se contra as naturaes, e horriveis consequencias de tal calamidade? Ficaria o Governo estacionario, e paralyzado, e o povo inerte e obstupefacto espectador de tão miseravel Scena? Seria decente esconder-se S. A. R. no Brazil, e espontaneamente Cortar-Se do Mappa do Mundo Civilisado, Occultando-Se até da vista dos Vassallos de Seu Fiel Alliado, Sua Magestade o Rei da Gran Bretanha, que tanto ajudou a salvar a Sua Real Pessoa, e Augusta Familia, da insidiosa Maquinação de hum Inimigo implacavel, que não deixa a virtude tranquilla nos Thronos, e que ataca o Commercio de hum modo sem paralelo nos annaes da Sociedade?

Actualmente nem os mais hórridos Potentados da Cafraria excluem de seus Portos os Estrangeiros, que ahi vão commerciar.

O contrario systema ora unicamente seria dos imitadores de *Bustris*, (*) e antigos Póvos da mais selvagem ferocidade, e *obtusos entendimento*, que recusavão todo o trato com os estrangeiros, e até lhes negavão a hospitalidade, como energicamente qualificou o Poeta de Augusto, descrevendo os receios, que a frota de Eneas teve dos habitantes da Lybia, e a sublimidade d'alma da Fundadora de Carthago, que generosamente o acolheo, e lhe prestou todos os auxilios: (**)

Non obtusa adeo gestamus Pectora Pæni:

Urbem hanc quam statuo, vestra est: subducite naves.

Tros Tyriusve mihi nullo discrimine agetur:

Auxilio lætos dimittam, opibusque juro.

Se o Brazil fosse como a China (que pouco realmente carece de supprimento estrangeiro) ou já estivesse nas circumstancias de huma Nação formada, e chea de Estabelecimentos uteis, que lhe fornecessem todo o preciso á defensão do Estado, e os mais commodos da vida, com perenne exercicio, e progresso de mui variada, e energica industria; achando-se nelle bem, e extensamente applicado, o grande principio da *Divisão do trabalho*, de sorte, que a sua riqueza corresse em vasta copia, e por mui diversificados canaes; ainda assim não se mostra que damnos podessem resultar de se admittirem Embarcações, e Mercadorias das Nações que (de presente e futuro) estivessem em paz e harmonia com a Corôa; com tanto que (segundo a letra, e espirito da Carta Regia) se

(*) Tyranno do Egypto que sacrificava os hospedes, e a que Camões allude *Lusiad.* II. 62.

As aras de Bustris infamado

Onde os hospedes tristes immolava,

(**) *Eneid.* I.

dirigissem aos portos, onde se achassem estabelecidas Alfandegas para a regularidade dos Despachos. Sem duvida os Estrangeiros não nos farião nociva concurrencia; pois, de certo, não nos trarião os Generos de que não carecessemos, ou em que notoriamente tivessemos naturaes ou adquiridas opporrtunidades e vantagens para a sua producção, ou manufactura, e na quantidade precisa ao consumo do Paiz. Os Commerciantes, que, por via de regra, bem entendem os proprios interesses, não farião, e de longe, tão ineptas e ruinosas especulações.

Mas observando-se a este Continente destituído de innumeraveis artigos do uso dos povos civilizados, ignorando (em geral) os habitantes os mais faceis e promptos meios de os extrahir e fabricar, porque o antecedente Systema Colonial tinha dirigido quasi todos os braços e fundos á poucos grandes ramos de Agricultura e Mineração, com as suas mais proximas dependencias (pois que, pelo proprio interesse das Colonias, constituíão a base da sua opulencia e prosperidade, por terem os seus productos o mais certo, extenso, e lucrativo mercado) havendo grande parte dos nossos Navios e Cabedaes sido embargados, empatados, ou perdidos, pelas infaustas hostilidades, que acabrunhão a Metropole, e tem consequentemente dado tremendo contragolpe aos Dominios Ultramarinos, paralygando todos os seus trabalhos ordinarios, e obstruindo a circulação mercantil; que mais simples, obvio, innocente, e proficuo partido, se podia offerecer para atalhar a carreira de tantos desastres, que franquear os portos do Brazil aos subditos dos Governos Amigos, e Pacificos?

Por este modo a Illuminada Politica de S. A. R., interessando em Sua Sorte os bons espiritos, e Estados cultos, virtualmente Confederou todas as Potencias que reconhecem as vantagens de se respeitar o Direito das Gentes; e, abrindo hum incommensuravel horizonte de Felicidade Nacional, Desfez o Plano anti-social do Exterminador do Maritimo Commercio Europeo, que assalta e

der-

derriba os Governos Regulares, que não conspirão com o seu, já não occulto, Projecto de Universal Dominação.

Cumpriríamos de boa vontade, e sem o sentir, as impias ordens desse Poder terrível, que, não contente de nos extorquir, no seio da paz, os thesouros do Erario, com alteração do Credito Publico (que todavia se sustinha pela actividade e giro do Commercio) e afrouxando em consequencia, ou antes cortando pela raiz, os nervos e esteios de nossa Potencia Politica, até nos quiz tirar a honra, e o ser de humanos, obrigando por sua força superior, e inacessível a todas as representações da justiça, a fechar os portos do Reino, com incalculavel prejuizo de todos os ramos de industria da Mãe Patria e Filha, e em cima ordenando categoricamente, com o seu arrogante tom imperioso, trahir amigos, e hospedes, defendidos pela Lealdade Nacional, e Lei das Nações cultas? Depois de ser invadido o original Patrimonio de tão veneravel e antiga Monarchia, seríamos taóbm complices desse insulto feito á Natureza, e Civilisação, fechando os portos da Grande Terra (*) da America Meridional, que o Regedor do Mundo tão vasta e variamente abrio, e que parece havella destinado para ser o asylo do nosso Candido e Opprimido Principe, gloria dos olhos de todos os seus fieis Vassallos?

Não bastão já os damnos, e horrores, que nos causou a Diplomacia fedifraga de hum Governo a quem não offendemos, e que, tendo a Força e Fortuna por Autocratrizes da Terra, nos sacrifica, por mera rivalidade á Inglaterra, apoderando-se de nossos navios, bens, e territorios, sob côr de neutralidade e amizade, zombando da boa fé e candura, que tanto abalisão, e dis-

(*) Vedes a grande Terra que continua
Vai de Callisto ao seu contrario Pólo,
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do leuro Apollo.

tinguirão sempre o Throno, e o Nome Lusitano? Consumaremos a propria ruina, embrenhando-nos nos matos, e olhando stupidamente para as nossas praias quasi desertas, satisfeitos com a nossa cabotagem, trafico d' Africa, e restos da Marinha do giro da Europa, sem fazermos esforços de melhorarmos a actual condição, commerciando francamente com os Estrangeiros, que naturalmente hão de alargar, em nosso proveito, vasta esphera de meios, cambios, e recursos?

Acaso os Contradictores na prezente questão não considerão as perigosas consequencias que resultarião de se espoliar o nosso Soberano do mais efficaz expediente que lhe reservou a Providencia para Se Reintegrar na Ordem e Dignidade das Potencias independentes? Querem que fique encantoado, e sem influencia no Theatro Politico, estando alias em hum Paiz de inexhauriveis recursos, e capaz de o constituir hum dos Monarchas mais poderosos do Mundo?

Não: He tempo de se desempobrecer a Nação, abrindo-se as suas fontes de riqueza. Não convem que em toda a parte se exterminem os principios da Razão. Se o Pólo Arctico se fecha á Humanidade, ser-lhe-ha aberto o Antartico. A Violencia não será victoriosa em todas as regiões. Ver-se-ha no Sul Constellação mais clara, que hade perpetuar, e ainda superiormente estender, os beneficios da Navegação, e Descuberta do novo Hemispherio.

A franqueza do Commercio no Brazil será de progressivo interesse á Corôa, e Nação. Aquella terá mais rendas, em proporção á maior quantidade dos valores importados e exportados, que pagarem os Direitos estabelecidos; e esta augmentará continuamente os seus recursos, despertando-se da lethargia, em que jazem as industrias do Paiz, e introduzindo-se outras por novas direcções, que a energia do interesse particular, deixada á sua natural elasticidade, removidos todos os obstaculos, deve achar, até pela constante emulação e conflicto dos competidores nacionaes e es-

tran-

trangeiros. Onde concorrem mais Commerçiantes , ahí sempre he mais activo o espirito de especulação , para se descobrirem os melhores meios de emprego dos Capitães. Até o prezente , o nosso Commercio era muito méchanico , rotineiro , e apoucado. A principal parte consistia na grosseira compra e remessa dos Generos Coloniaes para os dois portos do Reino , Lisboa e Porto. Póde-se sem exaggeração dizer , que ignoravamos o Commercio do Mundo. As nossas amizades , e correspondencias mercantis , se limitavão á poucas pessoas , a quem se dava às vezes forçada , indiscreta , e illimitada confiança. Por isso agora nos achamos em tão grandes embaraços , que só se podem remover com a franqueza do Commercio estrangeiro.

Quanto maior for o numero dos Compradores dos Generos Coloniaes , tanto mais extracção , e valor , teráo estes ; e consequentemente se animará a sua ulterior e recrescente reproducção. Só o Costeio , e o provimento de viveres dos Navios estrangeiros , occasionará mui consideravel augmento da nossa agricultura. A concurrencia daquelles mesmos na venda de seus Effeitos , fornecerá muita variedade de supprimentos , e aos mais favoraveis termos que ser possa em nosso beneficio. Assim o Brazil lucrárá tanto no *bom preço* das suas vendas , como no *bom preço* de suas compras.

Disse *bom preço* , e não *alto preço*. Porque devemos estar persuadidos , que não he do bem entendido interesse nacional vender lezivamente caro aos estrangeiros , e comprar-lhes nimiamente barato ; mas sim por *preços racionaveis* , isto he , que fação conta a huns e outros contractantes. O contrario he de falso calculo dos usurarios , traficantes , e superficiaes Economistas , como os da chamada *Seita Physiocratica* da França , que tantas rhapsodias fizeráo para inculcar a vantagem nacional resultante do *alto preço* dos productos da terra.

Para se fomentar a agricultura , e qualquer ramo de industria ,

o essencial he a certeza e extensão do mercado, que assegura o legitimo proveito dos interessados, tendo os generos na compra e venda o seu *preço natural*, isto he, o reembolso dos valores; que *Smith* mostra necessariamente entrar na composição de tudo que he venal, ou objecto de circulação mercantil.

As circumstancias do mercado, pela demanda, mais ou menos alta e urgente, de certos Generos, e em certos tempos, podem occasionar oscillações irregulares nos preços, mais ou menos favoraveis, ora aos vendedores, e ora aos compradores. Porém onde a franqueza do Commercio he estabelecida, todos os Generos continuamente tendem ao mais approximado, se não exacto nivél, e equilibrio de valores, isto he, ao seu *preço central e natural*, que he de bem commum a todos que trazem ao mercado a sua propriedade, para a disporem em modos convinhaveis.

O Interesse do Estado he que todos ganhem nas suas mutuas permutações, tanto os Nacionaes, como os Estrangeiros, de sorte, que nenhuns sejam descorçoados, antes se animem a continuar no trato reciproco, sustentando as industrias respectivas. Assim he que se constitue permanente, e grata a dependencia, e amizade dos Povos. Tal he a Grande, e Fundamental Lei Economica do Creador.

O verdadeiro espirito do Commercio he Social: elle quer ajudar, e ser ajudado: elle aspira a dar soccorro, e recebello: elle carece hum beneficio reciproco, e não he fecundo, e constantemente util, senão quando he repartido.

A verdadeira utilidade Nacional he que nenhuns trabalhos productivos do Paiz affrouxem, diminuão, e cessem, mas antes se multipliquem, e cresção com velocidade accelerada. A vantagem de sempre vender caro aos Estrangeiros, e comprar-lhes barato as suas Mercadorias, he necessariamente odiosa, e precaria. Os que nada antevem no futuro, são os que muito applaudem os ganhos de momento, e estorquidos das circumstancias.

Nem isto se deve praticar naquelles Generos em que temos

alguma especial primazia, ou monopolio dado pela Natureza. Pois a experiencia mostra, que ainda nesse caso, os Estrangeiros se irritão, e procurão supprir-se do necessario em outros paizes, ainda contentando-se com qualidades inferiores. A regra das Nações que bem entendem do Commercio he *em quanto esperas, fujo*. Os Commerçiantes de bom senso sempre acharão mais conta, para terem maior freguezia, e facilidade de extracção de suas fazendas, e avantajosos lucros, em vendellos o mais commodamente que seja possível. Os Estrangeiros, e Nacionaes estão sujeitos á imperiosa Lei da concurrencia, que arbitra o mais racionavel, e o mais baixo preço possível de tudo.

He absurdo, e affectado zelo de patriotismo, e de Real Fazenda, vexar os Estrangeiros, para os forçar á condições mais duras. Quanto menos poderem lucrar nas suas vendas, tanto se lhes diminuirá a faculdade de bem pagar as nossas producções, que são os equivalentes das fazendas respectivas. Devemos seguir o discreto aphorismo mercantil, de ganhar antes *muitos poucos*, do que *poucos muitos*.

Adoptando-se com firmeza entre nós estes Principios Liberaes, e Praticos, a perspectiva futura de nossa felicidade he a mais esperançosa, e aprazivel. Então poderemos dizer com o celebrado Author dos Estabelecimentos dos Europêos nas Indias Occidentaes: Quem seccou, e fez florentes, e rendosos estes Campos alagadiços? *Foi o Commercio*. Quem fundou estas Cidades? *Foi o Commercio*. Quem fez nascer, vestir, e civilisar estes povos? Todos os homens esclarecidos responderão *Foi o Commercio*.

Parece, por imperscrutaveis juizos de Deos, que o nosso Augusto Principe veio encher, em plenitude de effeitos, o primordial Regimento, que Seu illustre Predecessor, o Senhor Rey D. Manoel de Gloriosa Memoria, deu á Vasco da Gama, quando em Solemne Audiencia o despedio para a descoberta da India. Nelle Ordenou-lhe, que em toda a parte procurasse assentar Paz, Com-

mercio, e Amizade com todos os Soberanos, e Póvos; dizendo ser o *Commercio* o fundamento de toda a humana Policia, e o meio com que se trata amor entre os homens, e attrahe grande riqueza, e consideração aos Estados, observando, que até as *pequenas Comunidades de Italia* se tinham feito pelo *Commercio* *tamambas Potencias*.

O nosso Historiador da Descoberta d'Africa, Asia, e America, (*) nos transmittio esta lição de tão Grande Authoridade. Aquelle Monarcha, denominado *o justo e feliz*, com razão se gloriava de que; *com as commutações do Commercio, os Reinos que acceitavão a sua Amizade, de barbaros, erão feitos, politicos, de fracos, poderosos, e ricos de pobres*. Oxalá o pio fim das ditas Descobertas, e o genuino espirito do Commercio, se guardasse conforme aos dictames da Humanidade, e não degenerasse em projecto de conquista, e dominação, que eclipsou a nossa gloria, e occasionou depois tantas miserias, com a perda do nosso Commercio, e Imperio do Mar, que havia assombrado a Europa, e attrahido o respeito de tantas Nações do Mundo!

O mesmo Historiador (**) refere a Carta, que o Soldão do Cairo escreveu ao Summo Pontifice então Reinante, queixando-se de que o mesmo Senhor Rey D. Manoel, não contente de mandar as suas Armadas á India para conquistar a terra dos Gentios, também tolhia a Navegação, e Commercio della; *sendo o Commercio hum uso commum das gentes, que conciliava amor sem ser defendido*; o qual Commercio elle Soldão permittia em todo o seu Estado conforme aos costumes da terra, *sem ter respeito á Lei, ou Secta que tivessem*.

Com razão se lamenta o celebrado Adam Smith na sua eminente Obra da *Riqueza das Nações*, que, devendo o Commercio

(*) Barros Decada 1. Liv. 5. Cap. 1.

(**) D. I. L. 8. C. 2.

naturalmente ser entre as Nações, bem como entre os individuos; o vinculo de união, e amizade, tem vindo a ser o mais fecundo manancial de discórdia, e animosidade. Talvez o tempo insta, em que a Europa, que já aprendeo dos Portuguezes a Navegação do Mundo inteiro, que despertou em todos os Espiritos o desejo de participar do Commercio universal, veja no Brazil realisadas as Solidas Lições de Philanthropia, e Regimen Social, que deo aquelle grande Mestre. Em agradecimento do ensino que achei no seu livro d'ouro, o chamei *Estrella Polar, Sacerdote da Justiça Civil, e Homem que saltava á terra para pôr ordem aos Negocios da Sociedade, e dar aos Imperios sua firmeza, e esplendor.* (*) Se o seu Systema fosse attendido, não viríamos na Europa as miserias que testemunhamos.

Elle fez justiça á nossa Nação; e até por este motivo, me comprazo de seguir as suas pizadas, e propagar, quanto poder, as suas nobres doutrinas. Espero que os Leitores benignos attendão com prazer ás seguintes reflexões deste Escriptor, huma das Grandes Honras da Nação Britannica.

„ Os Portuguezes completarão hum Curso de Descobrimen-
 „ tos, que havião proseguido com grande firmeza por hum Seculo...
 „ A Descuberta da America, e a da passagem ás Indias Orientaes
 „ pelo Cabo da Boa Esperança, são os dous mais importantes
 „ successos, que se recordão na Historia do Genero Humano. As
 „ suas consequencias tem já sido mui grandes; mas he impossi-
 „ vel, que se tenha visto a extensão das mesmas. Que beneficios,
 „ ou que infortunios hajão dahi resultar, nenhuma sabedoria hu-
 „ mana pode prevêr. Unindo-se assim as mais distantes partes do
 „ Mundo, habilitando humas a supprir as carencias das outras,
 „ augmentar seus gozos, e animar a reciproca industria, a geral
 „ tendencia daquelles successos deveria ser benefica a todos. Mas

(*) Principios de Econ. Polit. pag. 23. 197. Prologo pag. VIII.

„ os beneficios que dahi deverião resultar , forão submergidós , e
„ perdidos em terriveis calamidades. Estas porém provierão mais
„ de causas accidentaes , que da natureza de taes successos. A Su-
„ perioridade dos Europêos era a esse tempo tão grande , que
„ poderão commetter com impunidade toda a sorte de injustiça.
„ Talvez , com o andar dos tempos , todas as partes do Mundo
„ chegarão á tal igualdade de valor , e força , que as Nações se-
„ jão obrigadas a respeitarem-se reciprocamente , guardando seus
„ mutuos Direitos ; e nenhum meio parece mais proprio a estabe-
„ lecer esta igualdade , do que a mutua communicação de conhe-
„ cimentos , e de toda a sorte de melhoramentos , que a franqueza
„ do Commercio Universal deve necessariamente produzir. (*)

OB-

PARTI SECONDA
OBSERVAÇÕES

← SOBRE →

o
COMMERCIO FRANCO

no
B R A Z I L

←
P A R T E II.
→

OBSEVAÇÕES

E sendo assi que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prômpto á toda a adversidade,
Que por guerra ao teu Reino se offereça
Com Gente, Armas, e Náos; de qualidada
Que por Irmão te tenha, e te conheça.

Camões. Lus. VII. 63.

II H T H I

Nas circumstancias actuaes , a necessidade de commerciar-mos com os Inglezes , he de intuitiva evidencia , e de irresistivel força das cousas. Que pessoa cordata o poderia contestar , vendo o Geral Interdiçto do Commercio da Europa?

Demais he claro que , a não se admitir o Commercio franco e legal , não se poderia impedir o clandestino e illegitimo em huma Costa immensa , chea de portos , bahias , e surgidouros , tendo o Paiz carencia de tantos supprimentos , e vendo-se os Inglezes na urgencia de procurar extracção aos productos de sua industria , com maior vivacidade que nunca , em todas as partes da terra. Assim o Estado ficaria privado de muita renda ; a prohibição não teria effeito , e dar-se-hia ansa á mil fraudes , prevaricações , e desordens de pessimo exemplo , e desgraçadas consequencias.

Além disto he facil de prever os resultados politicos de tão infausto systema. Huma simples momentanea hostilidade da Gran Bretanha , á que deo causa o fecharem-se aos Inglezes , pela violencia da França , os portos do Reino , produzio logo males gravissimos , que serião os mais funestos , se a prompta reparação os não terminasse. He já inutil , e até indecente , insistir em tal objecto. Só observarei , que negar absolutamente o direito de Commercio até aos amigos de fidelidade experimentada , repugna aos instinctos da Humanidade , e he proprio a irritar os animos com o mais exasperado resentimento.

A Historia das descobertas da India subministra hum ensinamento attendivel. Quando o nosso Almirante deo a sua embaixada ao Imperador de Calecut , para ser admittido ao Commercio do Paiz , não obstante que porfiassem vedallo os Mouros intrigantes , que havião monopolizado o trafico d' Asia , com tudo o Regedor do Porto , ainda que de animo dissimulado e hostil , ordenou o desembarque das mercadorias , como prova dos designios pacificos dos que de tão longe vinhão á terras estranhas

nas. Camões (*) consignou em seu Poema essa anedocta instructiva.

Diz-lhe que mande vir toda a fazenda

Vendibil, que trazia, para a terra,

Para que de vagar se troque e venda:

Que quem não quer Commercio, busca a guerra.

O interesse de commerciar-mos com os Inglezes he manifesto.

He regra e pratica mercantil, fundada no senso commum, e constante experiencia, ser mais certo, extenso, e avantajoso o Commercio que se faz com os individuos e paizes industriosos e ricos, do que com os individuos e paizes inertes e pobres. Que podem estes comprar e pagar senão valores grosseiros, e de pouca monta? O Commercio não he mais que o *Cambio de equivalentes*. Quanto huma Nação póde offerecer maior quantidade e variedade de equivalentes fructos de sua terra e industria, tanto as outras acharáo mais facilidade de effectuarem com ellá o troco reciproco de suas correspectivas producções, e serão em consequencia animadas a proseguir em o respectivo trabalho e trafico, e augmentar progressivamente o proprio capital, para ultteriores operações da geral energia.

A ordinaria prudencia, e, por assim dizer, a sagacidade instinctiva, dirige a todas as pessoas a comprar o que precisão antes nas lojas de grandes sortimentos de mercadorias do que nas de inferior lote. Todos achão mais conveniente ter tratos e contas com Negociantes de grosso cabedal, notorio credito, pontualidade nos ajustes, franqueza em dar abonos, fazer avanços, e, como vulgarmente se diz, *Homens de Livro Grande*, que comprão muito,

e podem vender, emprestar, e fiar á longos prazos, sendo credores benignos, e não traficantes necessitados, duros, e inexoraveis exactores.

Finalmente he sabido, que, quanto he maior o numero dos capitalistas nos Paizes onde ha regular Administração da justiça, e não se dão monopólios, directos, ou indirectos, por Authoridade Publica, (e só estes são substancialmente maleficos, e temiveis, pois os outros facilmente se rompem pela vigilancia e energica acção do interesse dos competidores) estando o mercado aberto, de necessidade os que poem em giro os seus capitaes, e tem maior somma de mercadorias a dispôr, se devem contentar com menos beneficios, e todavia satisfazer com liberal mão os trabalhos das classes industriosas, segurando sempre para si proveitos constantes; pois he facto universalmente experimentado, que os grandes fundos crescem mais com pequenos, certos, e continuos ganhos, do que os tenues capitaes com excessivos, precarios, e fugitivos lucros.

Ora todas estas circumstancias se verificão, em grão eminente, à bem da nossa Nação a respeito da Nação Ingleza, e, nesta parte comparadas as mais Nações, nenhuma pôde pertender superioridade, e nem ainda competencia.

Não ha quem duvide que presentemente a Nação Ingleza he a mais industriosa e rica da Europa, e que a sua industria e riqueza vem principalmente das fontes perennaes (que nunca se esgotam) da sabedoria e regularidade do seu annual trabalho productivo. Segundo a phrase de hum Escriptor Francez deste Seculo, (*) em ponto de opulencia, toda a comparação de Inglaterra ainda com a sua rival *he hum tormento*.

Em

(*) Mr. Marchena Prefac. á traducção da Obra do Dr. Clark sobre a opulencia da Gran Bretanha. Elle he conhecido por outras Obras economicas.

Em industria manufactureira nenhuma se lhe emparelha. Ella para isso aproveita todas as idades, capacidades, e estações, empregando, quanto póde, em seu serviço os entes animados e inanimados, e até os elementos do ar, fogo, agoa, &c. Em quanto as mais Nações, e seus Estadistas, ainda disputão, se convem o uso das maquinas, porque (dizem) privão de trabalho, e pão a muita gente; os Inglezes achão poucas quantas tem, e o seu Governo premeia com profusão qualquer arte e maquina nova, e util, e ainda qualquer consideravel melhoramento nas já descobertas, que augmentão (como diz Smith) as *Potencias productivas do trabalho*. Deste modo a sua população, e força he artificialmente augmentada com os agentes, e força da Natureza, e está no Paiz sempre vivo o espirito de invenção, e perfectibilidade.

Donde vem, que os Inglezes podem fazer tudo mais, e melhor, que os outros póvos, e consequentemente rivalisallos com vantagem, e ainda, sem alguma violencia, excluillos dos grandes mercados, pela comparativa barateza, e excellencia de suas manufacturas, que são de mais solidez, universal uso, e do alcance das faculdades de pagar de maior numero de individuos de todas as Nações; sendo por tanto a sua industria mais benefica á Humanidade.

Para cumulo de louvor da Nação Britannica nesta parte, bastaria dizer, que lhe pertence a honra (que ninguem lhe disputa) de ter domado o ferro, o pai das artes, a ponto de dar o valor de oiro á muitas obras deste metal, de que se fazem quasi todos os instrumentos, que ajudão, e aperfeiçoão a tarefa da sociedade: Principalmente os de Nautica são tão primorosos, que até a França, ao principio da guerra revolucionaria, e no maior paroxysmo de seus furores contra a Gram Bretanha, prohibindo a importação de todas as mercadorias Inglezas, exceptuou aquelles instrumentos, com virtual confissão da respectiva superioridade.

A primazia da Nação Ingleza a este respeito he tão fóra de ques-

questão ; que até *Mr. João Baptista Say*, actualmente o Economista de maior credito na França (que sem duvida não quiz li-songear a Inglaterra, sendo hum dos Empregados Publicos do presente Governo de seu Paiz) fazendo no Livro I.º Cap. 19. judiciosas observações sobre *o particular genio de industria*, que abaliza aquella Nação, assim se explica.

„ Para aperfeiçoar huma fabrica, ou para fazer as obras com discreta economia, vem ao Espirito de hum Inglez idéas, que não occorrem em outro Paiz ; ou, se ahi occorrem, não fazem fortuna. Basta observar as cubas dos chapéos. Na França são estreitas, e longas : muitos obreiros se arranjam de huma e outra parte, trabalhando penosamente, e mal ; porque estando apertados, e sendo o seu trabalho vexado, fazem menos obra no mesmo tempo. O salario do dia não he menor, e o preço da mão d'obra he proporcionalmente mais caro. Em Inglaterra esta mesma cuba tem huma forma redonda, que facilita aos obreiros o seu movimento, sem se causarem incommodo reciproco. O fogo, concentrado em hum fogão pouco extenso, faz que se poupe o combustivel, e se dissipe menos calor. Até o fumo não he perdido. O tubo, que o conduz, passa ao travez de huma peça, que está sobre a Officina, e o seu calor forma huma estufa com que os chapéos seccão mais depressa.

„ Os Inglezes além disto sabem tirar admiravel partido dos conhecimentos, que tem nas Artes de gosto (ainda que não possuão Chimicos tão eminentes como os da França) para darem á toda a sorte de suas manufacturas o irresistivel attractivo da commodidade. Estas são agradaveis não só pelo desenho, côres, matizes, &c. mas principalmente pelo seu prestimo. Elles preferem fabricar não o que convem á poucos ricos, mas o que toda a gente pôde ter e pagar. Por isso fabricão as obras *em grande*, e inventão maquinas e moldes para fazerem tudo bom e barato, com o menor tempo e trabalho possivel. Do que resulta, que, em geral,

ral, ás suas manufacturas são mais perfeitas, e de incomparavelmente melhor mercado.

Os Inglezes tambem excedem a todos os povos em espirito de empreza mercantil e naval. Os seus emulos, (que querem feitos sem causa, e fins sem os proprios meios) até lhes lanção isto em rosto, arguindo-os de pertenderem invadir o Commercio do Mundo; como se fosse justa materia de censura a intensa actividade de suas especulações, e preeminente energia em perscrutarem e correrem todas as partes da terra, com tanta despeza, e perigo de vida; estabelecendo incessantemente correspondencias, e feitorias para o mais rapido giro de seus negocios. nenhuns Commerciantes tem melhor, nem mais firmemente, que os Inglezes reconhecido a *importancia de tratar verdade* nas transacções civis, para obter a confiança dos homens, e consequentemente se acharem mananciaes de opulencia, até com o manejo e credito da posse de capitaes alheios, espontaneamente commettidos. Dahi procede a riqueza das grandes cazas hereditarias de Commercio de Inglaterra.

Deve-se especialmente aos Inglezes o estar a sciencia do Commercio na altura que se vê; pois nenhuma Nação tem investigado com mais insaciavel curiosidade os innumeraveis artigos de produções naturaes, e industriaes, lugares de seu nascimento, fabrico, e transporte, e bem assim os tempos, e termos mais favoraveis ao mercado. O Direito, e a Economia mercantil está ali no seu auge.

Em quanto as mais Nações até blazonão de preferirem a agricultura á todos os ramos de industria (sem conhecerem que a extensão e perfeição da propria agricultura, e das manufacturas mais refinadas, não he tanto a causa como o effeito de hum Commercio vasto e irrestricto), e até algumas, ou desprezão o mesmo Commercio (sobre tudo o estrangeiro), ou o tem como objecto secundario; a Gram Bretanha o considera como o emprego pri-

ma-

mario do Paiz; e o fundamento principal da propria potencia. O seu Governo tem tudo subordinado aos interesses do Commercio, e Navegação; que não só mantem, e amplifica todos os mais ramos do geral trabalho da Nação; mas dá o inexpugnavel Baluarte da defensão do Estado, e attrahe o respeito dos outros Governos. Os seus Philosophos, Historiadores, Politicos, Poetas, e Novellistas, tem conspirado a pôr nisto o transcendente Character Nacional.

Por este systema inalteravel se levantou e estabeleceo a Preponderancia Maritima, e immensa influencia, que a Gram Bretanha tem adquirido, não só no Continente Europêo, mas tãobem em quasi todo o Globo, e que hoje produz tantas invejas, ameaças, imprecações, e raiva impotente. Mas, bem analisadas as cousas sem espirito de partido, o crime de que se accusa a Nação Ingleza com tão odiosos epithetos, vem a ser a superioridade de sua intelligencia em conhecer os *Elementos sociaes*, e a incomparavel perspicacia e pericia em aproveitar-se, para avançar mais longe, dos crassos erros economicos, e politicos dos outros Estados.

Não digo que ella seja o tÿpo da perfeição da sociedade; pois ainda tem mui graves e capitaes defeitos, que Smith apontou; e, por ora, nenhum povo tem sido canonisado no conclavê da Philantropia; porém, comparativamente ás mais Nações, ella se pôde intitular a Mestra, e a Immaculada na Sciencia da Riqueza, e n'Arte das Artes de reger homens; pois sabe formar na sua gente hum espirito publico do mais exaltado patriotismo, que emûla, senão sobreexcede, o dos antigos Romanos; e he impossivel que existisse, se as Leis não fossem as mais liberaes, e fautoras da prosperidade dos individuos.

Nenhuma Nação tem como a Gram Bretanha achado os meios de, por assim dizer, aproximar os productores aos consumidores de todos os paizes, multiplicando os vehiculos, e instrumentos de communicação, e pelas vias mais faceis, e conciliadoras dos in-

teresses das mais distantes Nações, ainda que também procure (o que he natural, e o faz cada individuo quanto póde) adquirir para si alguma vantagem, pela sua superior energia, e previdencia. Em quanto outras Nações vagueão com projectos excentricos, e se aso-berbão até com a servidão da gleba, restringindo o seu commercio ao lugar, e vizinhança, e á mera navegação de rios, e canaes, e ao sordido trafico de almocreves (á pouco mais disso monta o commercio interior maiormente de paizes mediterraneos) ella, não deixando de aproveitar todos esses meios, tem de mais os olhos em todos os pontos da terra, e alarga todos os dias, sem pausa, e susto, a esphera de suas empresas de Commercio, para attrahir á seu Paiz, por hum magnetismo philantropico os mimos da Natureza, e Arte ainda das mais remotas regiões, e distribuir o excedente do seu consumo por todos os paizes civilisados, que tem alguma cousa que dar em troco; de sorte, que raro he hoje o individuo de paiz de commercio maritimo, e ainda de sertão (salvo inteiramente barbaro) que não seja supprido, e á commodo preço, de muitos artigos de producções, e fabricas da Gram Bretanha, ou transportadas por sua industria, e capital de todas as partes habitaveis da terra. Assim aquella Ilha tem vindo a ser o centro da grande orbita e movimento commercial do Universo.

Accresce que ella descobrio (e até levou á Asia o arcano) de fazer á roda de si hum continuo fluxo, e refluxo do *capital pecuniario* (*) de todos os paizes de consideraveis relações mercantis, para promover todos os ramos da propria industria, e fazer as mais arduas operações do Governo, de hum modo inimitavel ás outras Nações, que, nesta repartição, apenas fazem parodias e arremedos, por não terem iguaes bases. Além das portentosas

E

(*) Chamo assim o dinheiro, para o distinguir das mais especies de capitães das Nações, que Smith reduz á quatro. O vulgo costuma confundillos, só tendo por capital a moeda.

máquinas de Agricultura, Manufactura, e Navegação; os Ingleses tem inventado, ou feito o mais extenso, e judicioso uso de outras máquinhas, não menos engenhosas, e quasi de hum poder magico, á bem do Commercio geral, e especialmente do seu, como Bancos de Circulação e Descontó; Postas, Paquetes, Seguros, Gazetas, Letras de Cambio, Notas Promissórias, e toda a especie de Papel de Credito, particularmente o Publico, que, na opinião do paiz, e ainda fóra d'elle, tem subido ao valor, ao par, e ás vezes acima da moeda corrente. Nisto se podem dizer os genuinos Adeptos da Alchimia transcendente, e descubridores da verdadeira *pedra philosophal*, que em vão tinhão procurado os insensatos, que aspiravão fazer metamorphose dos metaes inferiores em ouro.

Ainda ha mais. He notorio que os grandes capitalistas da Europa, e ainda dos paizes politicamente mais inimigos de Inglaterra, tem depositado nos Bancos desta fundos enormes; e ainda a horrivel Revolução Franceza, que ameaçou desorganizar a civilisação, occasionou maior confluência de capitaes para aquelle paiz, como para o santuario da boa fé, e asylo de toda a gente de principios, e cabaedas. A verdade destes factos deo motivo ao celebre dito do actual Regente da França instigando os seus exercitos para invasão da Gram Bretanha: *Soldados! Os thesouros do Mundo estão em Londres.*

Em fim á Patria dos Bacons, Newtons, Lokes, Smiths, Jenners, pertence a gloria de ter, mais que alguma outra Nação, contribuido pelas viagens dos seus circumnavegadores do Orbe não só ao progresso do Commercio, e maiores gozos da Sociedade, mas tambem das sciencias, e civilisação, que estas promovem.

O assombroso aparato de expedientes, e facilidades do Commercio Inglez, e suas riquezas em todos os generos, tendo deslumbrado os olhos dos desorganizadores da Ordem Social, que acclamarão o primordial pregão revolucionario = Guerra aos Pala-

eios, Paz ás Cabanas: — para nem se quer deíxar viver os povos miseravelmente nestas, convertendo só as Nações em cemiterios; em lugar de ser o objecto do respeito, e reconhecimento do beneficio commum, tem infeliz, e fatalmente servido de excitar calumniadores para denegrirem o caracter da Nação Britannica com as imputações as mais iniquas, e absurdas, confundindo factos de individuos, e ainda de Administradores Publicos, com o genio, e constituição do Povo, e Governo, que tem no proprio seio o principio de melhora, e perfeição, ainda nos abusos mais ostensivos: e (o que he mais lamentavel) isto em grande parte acontece por se converterem (como diz Smith) as mesquinhas artes de traficantes em Maximas de Estado para governar Nações.

Todo o fito dos invejosos e declamadores notorios, he removerem a concorrência dos Inglezes nos mercados da Europa, e em outras partes, onde alias estes não tem monopolios, nem extradiçionarios favores do Governo do Paiz para o seu trafico mercantil, e onde consequentemente o respectivo Commercio he plenamente voluntario, e do evidente interesse reciproco dos povos com quem tratão; e tal interesse se prova sem replica, só pelo mesmo facto de continuarem com os Inglezes o seu Commercio; e até a propria França dá exemplo da contumaz insistencia, que mostrão tantos Reinos, e Paizes de sua dependencia em receber as mercadorias Inglezas, e vender-lhes tambem os seus generos, clandestinamente, e com grandes circuitos, ou por via de neutraes, sob o risco de sequestro, e outras penas só dignas do Codigão de Draco. Como se póde isto explicar sem que se reconheça que em geral no Commercio Inglez predomina a boa fé? Quem quer commercio com gente nefaria? Quem continua correspondencia com fraudulentos, e levantados com fazenda alhea? Quem acolhe em sua casa espiões, e assassinos? O que mais se constitue admitavel he que não obstante tão odiosas intrigas politicas, e a atroz fiscalidade de espolio e tomadia, exercido actualmte em toda a Europa.

pela colossal ascendencia da França , o altivo Genio Britannico avança imperturbavel na carreira de fortuna , e gloria , que lhe tem mostrado a sua exaltada comprehensão , e immovel conformidade ao Grande *Principio Vivificante da Maquina Social* = o Commercio =. Com este só tem assoldado os maiores Exercitos dos maiores Soberanos para o equilibrio das Potencias , e ora por si só arrosta todo o poder do invasor universal , que dispõe das forças de tantos Estados subjugados.

Póde-se dizer que os Inglezes escolherão a melhor parte dos trabalhos da Sociedade , que provavelmente lhes não será tirada. Permitta-se-me explicar na phraseologia de Homero. Elles tem por si a velocidade de Neptuno , que , segundo o Poeta , chega em tres passos á extremidade da terra.

Concluirei com hum Escriptor Inglez. (*) ,, Isto não he ,, hum panegyrico composto de palavras insignificantes ; elle fun- ,, da-se em factos incontestaveis , que offereço á attenção de meus ,, compatriotas. ,,

Mas eu não me propuz fazer elogios , mas indicar o que está aos olhos de todo o mundo para convencer que era do nosso interesse commerciar , principalmente com os Inglezes , á fim de porfiarmos na mesma carreira de opulencia , e potencia maritima , á que nos possibilita a immensidade de nossos meios , se bem os aproveitarmos sob os beneficios de huma Legislação illuminada , e Administração firme , que consagre em Maxima de Estado o crescermos pelo Commercio franco , e legal.

He de toda a probabilidade que quanto for mais extenso , e regular o nosso Commercio com os Inglezes , com plena confiança , e constancia de amizade , tanto mais participaremos das vantagens que elles gozão , dando a maior possivel extracção aos productos da nossa terra , e industria , e adquiriremos grande pericia mer-

can-

(*) Clarke,

mercantil, e até receberemos com exuberancia muitos seus capitães adiantados á longos prazos, e á favoraveis termos, para se emprehenderem grandes, e novos estabelecimentos. A nossa Nação sempre deo provas de especial genio para o Commercio, e Navegação. He de esperar que tratando mais familiarmente com a Nação, que excede a todas em agencia mercantil, e nautica, entre no espirito de suas combinações, se amolde á sua actividade, e obtenha vantagens incalculaveis. A semelhança, e o exemplo são os maiores estimulos das acções humanas. Estando em maior contacto com os povos mais civilizados, he impossivel que não nos emparelhemos á sua industria.

Não obstante ser antiga a Amizade, e Alliança Politica das duas Côroas Portugueza, e Britannica, he de lastimar que sempre se entretivessem desconfianças, e esquivações entre nós, e os Inglezes por juizos erroneos do vulgo. Mas nenhuma pessoa sensata poderá contestar o quanto sempre nos foi avantajoso o Commercio com os Inglezes no Reino. Basta reflectir, que erão quasi os unicos compradores dos principaes ramos da agricultura de Portugal, e suas Ilhas, como vinhos, saes, frutas, &c. Sem o seu Commercio a colheita destes Generos seria incomparavelmente menor. Os particulares, e o Estado dali derivavão os seus maiores renditos. Taes ramos sustinhão, e amplificavão todos os outros, que lhe erão annexos, ou subalternos. Os Inglezes tãobem sempre forão dos maiores compradores dos Generos do Brazil, especialmente Algodão, e Anil. Elles forão os que com seu exemplo firmarão, e extenderão o espirito de ordem, e ponto de honra, que já fazia figurar na Europa os Braços de Lisboa, e Porto.

Sendo a Nação Britannica, em geral, briosa, e acostumada a viver com decencia, e commodos da vida, os Inglezes domicilia-
rios de Lisboa, na Corte, muito influirão na elegancia das suas obras, e tratamento civil em mesa, casa, mobilia, equipagem. He notorio que elles pagavão os mais altos alugueres das Proprie-
da-

dades em que moravão, e isto dava a lei dos preços para as outras; o que animava os capitalistas a embellecer a Capital com novos, continuos, e vistosos edificios.

Ao Inglez Stephens deve-se o grande Estabelecimento da Fabrica de vidro de Alcobaça, que poz em valor, e esplendida cultura os seus arredores, antes estereis, ou incultos. A pintoresca descripção, que desses sitios, depois encantados, faz o Architecto *Murphy*, he hum novo argumento da benefica, e esclamada industria Ingleza.

Varios outros Inglezes ricos, e de bom gosto com a nobreza das casas de campo, e jardins, que fizerão, occasionarão em sua imitação semelhantes casas, e jardins, que aformosearão varios lugares amenos para a mais bella, e luzida companhia. Todos sabem que a riqueza, e população do Porto, e o credito de seus vinhos, he obra em grande parte da riqueza, e Commercio da Inglaterra. A prosperidade da Ilha da Madeira deriva da mesma fonte. A franqueza do Commercio Inglez occasionará aqui hum exportação e renda á Coroa, qual nunca deo Capitania alguma do Brazil proporcionalmente á extenção de seu territorio.

He indubitavel, que o Commercio do Brazil foi muito promovido com os capitaes Inglezes, pois que para ahi se remettião muitas fazendas suas, fiadas aos nossos Commerciantes á longos annos, e que se pagavão com os Generos Coloniaes. Estes fundos adiantados davão actividade ao giro, e enriquecerão á muitos, que não tinham outro fundo mais que a propria industria, e probidade. O Reino, e Estados Ultramarinos, não obstante as desvantagens, e os estorvos do Systema Colonial, florecerão por essa economia; e á não terem sobrevindo as desordens, que arruinarão a Europa, não se pôde conjecturar até onde se teria declarado a nossa prosperidade.

Se não faziamos Commercio mais activo, e extenso, senão tinhamos nas Praças estrangeiras correspondencias mais amplas e di-

rectas, se o nosso capital, e credito não subio mais alto; devemos só imputallo á nossa indiferença, e incuria dos meios que adiantão as Nações. Sem estudar as linguas vivas, e principalmente a Ingleza, sem aprender profundamente a sciencia do Mercantil, sem irem os Nacionaes estabelecer casas de Commercio nas Praças Estrangeiras, sem se estimar nem aprender a Economia Politica era impraticavel obtermos as vantagens que os Inglezes alcanção pela sua exemplar sagacidade, e incessante applicação, e aproveitamento de seus recursos.

As indicadas vantagens são agora ainda mais naturaes de esperar muito alem dos nossos calculos, e desejos. Os interesses dos Inglezes ora coincidem, mais que nunca, com os nossos; pois, pela mesma razão que a rancorosa Politica da França ataca em o Continente Europeo os Generos da producção, e Fabrica de Inglaterra, tanto mais deve ser a necessidade, e a boa vontade dos especuladores desta Nação, que estão sobrecarregados de seus Generos, em nos supprir, com superabundantes quantidades, á bons termos, e á longos prazos, com tudo que precisarmos; e tendo assim elles hum vasto canal para dirigir os seus fundos, com esperanças de racional proveito, e nós, comprando tudo melhor, e mais barato que antes; certo penhor da continuação de seus suppressmentos, se aperçarão cada vez mais e mais os vinculos de mutua dependencia mercantil, com grande prospecto de nossa progressiva opulencia.

Não se pode duvidar que os Inglezes assim o queirão. Tal he a pratica discreta, e ordinaria dos que bem entendem os seus interesses. Os nossos Commerciantes a exercem continuamente, por inevitavel necessidade nas circumstancias do paiz. Elles costumão assistir aos Lavradores, Mineiros, e Agentes intermediarios do trafico do interior, e até da Cidade, como os chamados logistas, ou mercadores de retalho. Os que melhor calculão as consequencias não os vexão com execuções, antes facilitão-lhes os avanços, cobrão com equidade, e alargão-lhes as assistencias á proporção
que

que a propria fortuna se acha mais enlaçada com a dos me-
mos.

A continua importação de fundos dos Inglezes tende á pro-
duzir tres effeitos de grande consequencia: primeiro da sahida aos
nossos Generos: segundo estender a nossa industria: terceiro á ins-
pirar-nos o estudo de sua lingua, e imitação do seu espirito pú-
blico.

I. Os Inglezes, bem como quaesquer Estrangeiros, que vierem
commerciar ao Brazil, naturalmente não hão de voltar com seus
Navios em lastro, perdendo o frete de retorno; aliás as despezas
da viagem muitas vezes absorverão o beneficio da empreza. Por
tanto he mais que provavel, ou antes he de toda a certeza, que,
em geral, todos procurarão realisar, pelo menos na maior parte
as suas importações com os artigos de exportação do Paiz. Os
que fizerem remessas da Europa ainda em Navios Portuguezes,
ou que vierem estabelecer Casas no Brazil, estão nas identicas
circunstancias. A sua sagacidade, com extensão da corresponden-
cia, descobrirá mercados, directos, ou indirectos, para os Gene-
ros Coloniaes, a fim de seu embolso, que não pode ser em di-
nheiro senão em pequena quantidade; aliás pouco poderão ven-
der, e consequentemente serão inconsideraveis os seus lucros.

No caso da paz, o caso não tem difficuldade; mas actual-
mente a intelligencia dos Inglezes fará os maiores esforços de
muito diminuir os estorvos da circulação. Lea-se o Escriptor In-
glez desre Seculo *Oddy*, que de proposito fez huma Obra para
indicar os meios de fazerem seus *Compatriotas* o mesmo, ou qua-
si o mesmo, commercio no Continente Europeo, por vias obli-
quas, e os Leitores se capacitarão até que ponto chega o espirito
de especulação de *tal gente*, para vencer os obstaculos que se
oppõe á sua actividade mercantil.

II. He principio economico, demonstrado pela experiencia
de todos os seculos, e paizes, que a necessidade da subsistencia

tão he estímulo tão pungente para excitar o geral trabalho, e entender e aperfeiçoar a industria, como o desejo de gozar, esquecer, e subir á consideração, e independência. Bem diz *Rainal*, que o trabalho para fartar a fome he tão physico como ella mesma. Quanto os povos mais se habituão a desfrutar as delicias da vida, tanto mais intensa he a sua energia para achar e dar emprego a todas as classes. Até os Salvagens são despertados da sua indolencia para os mais assíduos e penosos trabalhos, quando se lhes offerecem artigos de prazer e ornato, que se dizem de *luxo*. Quando se observão (diz *Stewart*) os arduos e perigosos trabalhos, a que de boa vontade se sujeitão os Salvagens da Bahia de *Hudson*, para caçarem animaes, e trazerem as suas pelles aos Europeos, em troco de quinquilharias, póde-se estar certo, que os habitantes dos paizes, que derão avantajados passos na carreira da civilização, não serão inferiores em actividade para se darem ás culturas, e ramos de industria a mais lucrativa. Esta observação he especialmente applicavel no Brazil, onde até os negros de Guiné amão o enfeite, aparato, e trajo da gente polida.

III. O terceiro indicado effeito da franqueza do Commercio com os Inglezes he da maior importancia. Não ha quem tenha feito algum progresso na Literatura Ingleza, que, ainda tendo sido apaixonado da Franceza, logo não sinta elevar-se-lhe o entendimento, e parecer respirar em mais pura atmosphera. Não ha duvida que o idioma gallico se acha honrado com as immortaes Obras de *Montesquieu*, *Buffon*, *Lavoisier*. Também *D'Alembert*, e *La Place* serão sempre grandes Mestres nas Mathematicas. Porém em Moral, Historia, Economia, e Politica, e ainda em Poesia, a Literatura Ingleza he incontestavelmente mais solida e profunda; e a Franceza he, em muitos, superficial, e leviana, e em outros, peior que inutil. Muitas phrases, poeticas ideas, constituem, em geral, o fundo dos livros desta Nação. A lição dos grandes homens de Inglaterra he hum dos melhores antidotos con-

tra o contágio celtico, e he propria a formar grandes caracterès de Homens Publicos.

Para completar a demonstração antecedente proporei hum facto decisivo, e perspicazmente notado pelo celebre Ministro do Governo Francez *Mr. Talleyrand*, cuja authoridade no ponto he de authoridade irrecusavel. Ninguem o arguirá de parcialidade aos Inglezes: elle, a pezar das animosidades nacionaes, não pôde deixar de reconhecer as causas naturaes, que dão á Gran Bretanha inextermínavel ascendente de seu Commercio, ainda nos povos que tinhão razão de lhe serem adversos.

Na Collecção das Memorias do Instituto Nacional de Pariz, na classe da Economia Politica, acha-se huma daquelle Memorias, como hum dos membros della, no anno quinto da intitulado Republica Tom. II. pag. 68., em que desenvolve os motivos porque os Anglo-Americanos preferirão o Commercio dos Inglezes ao dos Francezes, não obstante os assignalados serviços que estes lhes prestarão. Elle enumera varios, que são verdadeiros, ainda que subalternos, como antigos habitos, prejuizos, educação, identidade de lingua, tolerancia em opiniões religiosas, semelhança de constituição, &c.: mas expõe os decisivos e economicos, que são conformes aos principios de Smith. Transcreverei em extracto os proprios termos, para não enfraquecer a sua efficacia. Bom he até aprender do inimigo (*).

„ Não ha sciencia mais avida de factos que a Economia Politica. A arte de os recolher, pôr em ordem, e julgallos, constitue quasi toda a sua essencia. Neste ponto de vista, ella pôde mais esperar da observação que do genio. Os factos vem a ser os verificadores da Sciencia, depois de serem os materiaes da mesma.

„ Todavia devemos precavernos contra a mania dos que per-

(*) Fas est & ab hoste doceri.

sendem tornar sempre a começar experiências, e não dar credito a cousa alguma, para terem o direito de ignorar tudo. Porém não se deve menos repellir a temeridade dos que desdenhando quanto ha de positivo, achão mais commodo adivinhar que ver. He preciso acautelarmo-nos das primeiras idéas superficiaes (que são os axiomas da priguiza e ignorancia), e desconfiar muito de certos principios ambiciosos, com que se pretende abraçar tudo.

„ Cheio destas verdades pensei que podia apresentar á Classe do Instituto á que tenho a honra de pertencer, algumas observações, que estive em circumstancias de fazer n' America. Persuadome que poderião ser levadas ao deposito de Economia Politica, e ali receberem-se com o interesse, que na Historia Natural se concede á mais simples das producções, colhida por hum viajante na sua derrota.

„ Hum facto notavel na historia das relações commerciaes he a actividade, sempre crescente, das relações de Commercio entre os Estados Unidos d' America e Inglaterra; actividade, que, por suas causas e consequencias, não pertence menos á Economia Politica, que á Historia Philosophica das Nações.

„ Depois da sanguinosa luta em que os Francezes defenderão tão bem a causa de seus novos alliados, e os Inglezes Americanos se libertarão da dominação da Gran Bretanha, todas as razões parecião unirem-se a persuadir que se hião romper os laços de Commercio, que antes ligarão estas duas porções do mesmo povo, e que se deverião formar outros. Estas razões erão a lembrança das oppressões que havião pezado sobre os Americanos: a imagem recente dos males de huma guerra de sete annos: a humilhação de depender dos supprimentos de hum paiz que tinha querido reduzillos á escravidão, &c.

„ Accrescia o sentimento tão natural que devião impellir os Americanos a unirem-se aos Francezes, seus irmãos d' armas, e seus libertadores; sentimento que se tinha manifestado com tanta

força nos papéis publicos, e Actos do Governo, no tempo da guerra, e que parecião descobrir forte inclinação á Nação Franzeza, e não menos forte aversão ao Nome Inglez. Em consequencia se fizeram então muitos argumentos para persuadir, que o Commercio Americano ía a ser desviado do seu curso anterior, e dirigido inteiramente á França. Porem taes argumentos, em ultima analyse, são *erros economicos*.

Que praticou Inglaterra depois que fez a paz? Esqueceo-se de seus resentimentos; abriu promptamente as suas communicações, e as fez ainda mais activas; decidiu logo que a America servisse aos seus interesses. Que se carecia para isso? Que o quizesse, e podesse. Ora a vontade e o poder se unirão para esse effeito.

„ O que determina a vontade he a inclinação, e o interesse. A primeira vista parece estranho que os Americanos tivessem inclinação á Inglaterra. Mas, de facto, assim o he, pelos habitos do povo. Hum sentimento de veneração os attrahia, por movimentos involuntarios, para a Mãe patria. Elles não podião negar que, sem a França, jámais sacudirião o jugo de Inglaterra: mas infelizmente pensão que os serviços das Nações são calculos de interesse, e não de inclinação. Elles dizem, que o antigo Governo da França, ainda que fazia sacrificios em seu favor, procedia mais com a mira na independencia dos Estados Unidos, que na liberdade do povo; e que depois de os ter ajudado a separarem-se de Inglaterra, traba havia secretamente para os ter desunidos entre si, a fim de que não tivessem sabedoria para se dirigirem, nem força para se protegerem.

„ O interesse ainda mais os afferrava á Inglaterra: porque o grande negocio em todo o paiz novo he crescer rapidamente em riqueza. A prova de tal disposição geral se manifesta de todas as partes. Os Americanos habitantes das Cidades, naturalmente devião dirigir a sua actividade para as especulações do Commercio

é subordinar á estas especulações até os mesmos trabalhos da agricultura. Tal preferencia que suppõe haver hum impaciente desejo de enriquecer , não deixa de se augmentar logo com tal desejo ; pois o Commercio , que estende as relações de homem a homem , necessariamente multiplica as suas precisões artificiaes ; e a agricultura que as limita na familia , necessariamente restringe as mesmas precisões.

„ Demais : a America , cuja população augmenta rapidamente , está na infancia das manufacturas. Dahi resulta que está em a necessidade de receber da Europa não só huma grande parte de artigos manufacturados para o seu consumo interior , mas tambem o que ella emprega para o commercio exterior. Ora todos esses artigos lhe são fornecidos por Inglaterra talvez ainda mais completamente , do que quando lhe era sujeita , e tinha a mais severa prohibição de receber supprimento de outras Nações.

„ As causas deste monopolio voluntario são faceis de se assignarem : A primeira he a immensidade de obras que sahem das Officinas Inglezas : A segunda he a *divisão do trabalho* , que he ao mesmo tempo o principio e o resultado das grandes manufacturas do paiz , e particularmente o engenhoso emprego das maquinas que se usão na Gran Bretanha , e que dão aos seus Fabricantes o meio de baratear o preço dos artigos do uso commum , mais baixo do que as outras Nações tem podido dar até o presente. A tereira he a faculdade e pratica dos Commerciantes Inglezes em adiantarem toda a sorte de Capitães aos Americanos , fazendo-lhes creditos a mais longos prazos do que outro paiz. Estes creditos são , pelo menos , de hum anno. Daqui resulta que todo o Negociante Americano que faz vir assim mercadorias de Inglaterra , quasi que não emprega Capital algum proprio no seu Commercio e o faz quasi todo com os Capitães Inglezes.

„ Sem duvida os Negociantes Inglezes , de huma maneira ou d'outra carregão em suas contas o interesse dos fundos que adiantão ,

-ção, e acréditão a longos prazos; mas como as remessas se fazem successivamente, e se augmentão todos os annos, logo se estabelece hum balanço de pagamentos regulares, e de novos créditos, que não deixão descoberto o primeiro desembolso, e o interesse deste se reparte igualmente sobre as primeiras e seguintes facturas.

„ He facil de vêr, que a primeira divida estabelecida vem a ser um laço difficil a romper-se da parte de qualquer dos Contractantes; e assim continúa a correspondencia entre o Inglez e o Americano. Aquelle receia, que se parar com as remessas, arruinará a seu devedor, cuja prosperidade aliás he a unica garantia dos bens que lhe adiantou; e este, de sua parte, receia as más consequencias de deixar hum correspondente com quem tem a liquidar contas antigas. He quasi impossivel que huma terceira Nação possa perturbar estes interesses reciprocos, e enlaçados por velhos habitos. Assim a França, no Commercio com os Anglo-Americanos, acha-se reduzida a fornecer apenas alguns generos privativos de seu territorio; mas não entra em concurrencia com Inglaterra na venda de suas manufacturas, nem pode estabelecer com elles o seu credito, nem a tão boa conta, nem a tão longos prazos.

„ Tem-se objectado, que, durante a revolução da França, se fizeram numerosas exportações de mercadorias francezas para a America. A resposta he facil. Taes exportações não se podem comparar com hum Commercio regular: ellas não forão mais que especulações precipitadas dos que espavoridos com as requisições, taxas do *maximum*, e os outros desastres revolucionarios, preferião qualquer perda na venda das suas mercadorias n'America, aos riscos, ou, para melhor dizer, a certeza de ainda maior perda das mesmas mercadorias, se as deixassem na França: forão o effeito da azafama tumultuacia da gente que estraga tudo com a pressa de fugir de hum incendio, porque todo o expedien-

te lhe parece bom; e não huma remessa judiciosa de Negociantes que procedem com calculo. Além de que todos esses artigos forão mal vendidos, e os Americanos preferirão por extremo as mercadorias Inglezas.

„ Assim o Commerciante Americano he ligado á Inglaterra, não só pela natureza das suas transacções, mas tambem pela lei, que irresistivelmente lhe impõe o gosto dos consumidores. Estes laços são tão reaes, e delles resultão relações commerciaes tão constantes entre os dous paizes, que bem se pode dizer, que os Americanos não tem verdadeiro cambio senão com Inglaterra. Estas causas de união dos Americanos aos Inglezes a respeito de seu commercio tem raizes tão profundas, que seria necessario talvez hum *Estabelecimento Francez* n'America para lutar contra o ascendente do commercio Inglez neste paiz com alguma esperança de feliz successo. Esta consideração politica não he sem duvida digna de se desprezar, etc. etc. „

Deixo á perspicacia dos Leitores fazer as dividas applicações ao nosso caso. O paralelo entre nós e os Anglo-Americanos em as relações commerciaes com Inglaterra, deve dar resultados ainda mais fortes a favor do Brazil, que não tem razão de queixa contra aquelle paiz e seu Governo.

Em consequencia das estreitas relações mercantis dos Estados Unidos com os Inglezes, além dos beneficios geraes do commercio com os mais povos, até o presente a maior conhecida (*), não he de admirar, que o respectivo Governo pudesse dar ao Publico o authenticico Extracto seguinte de Riqueza Nacional.

„ Toda a Divida dos Estados Unidos no primeiro de Janeiro de 1807 era 67:727:750 dollars (**). „

„ Cons-

(*) Veja-se *VVintherbotham* Historical view of American united States.

(**) Pezos ou Patacas Hespanholas.

„ Cónsta de Documentos Officiaes, que, em vinte annos,
 „ a população do paiz se augmentou com tres milhões de habi-
 „ tanres. „

„ As Casas levantarão-se de 640:000 a 1:225:000. „

„ As terras cultivadas se estenderão de 1:225:000 a
 „ 2:390:400 acres (*). „

„ O preço medio de cada acre subio de 2 a 6 dollars. „

„ O numero dos cavalloos cresceu de 600:000 a 1:200:000;
 „ e o de gado de pontas, de 1:200:000 a 2:950:000. „

„ As Importações se elevarão de 11 a 30 milhões de dol-
 „ lars. „

„ As Exportações de Generos Nacionaes crescerão de 9 a 42
 „ milhões ditos. „

„ As Exportações de Generos Estrangeiros montarão de 1
 „ a 42 milhões ditos. „

„ O Dinheiro em circulação se accumulou de 10 a 17 mi-
 „ lhões ditos. „

„ O numero de Embarcações de todos os lotes he notoria-
 „ mente prodigioso, e a respectiva construcção he huma das suas
 „ principaes e mais uteis manufacturas. „

„ A Renda do Estado subio em 12 annos de 8 a quasi 17
 „ milhões de dollars, entretanto que se não augmentarão as Des-
 „ pezas, excepto a somma applicada para a extincção da Divida
 „ principal. (**). „

„ Nenhuma Nação da Europa assoalhou já mais em tão pou-
 „ co tempo hum quadro tão brilhante de prosperidade progressiva.
 „ Não he a extensão e fertilidade da America do Norte (pois a do
 „ Sul não he menor) que occasionou tão portentoso resultado; mas

(*) Cada acre contem, pouco mais ou menos, 4480 varas em quadrado.

(**) Este Extracto vem na folha *Observer* 7 de Janeiro do corrente anno.

a franqueza em admittir não só a importação de bens e mercadorias dos Estrangeiros, mas tambem a de suas pessoas e industrias uteis (que fazem essencial parte do commercio franco) por serem os braços e engenhos dos homens habildosos e moraes humanos mais productivos Capitães das Nações.

Se pois os Estados Unidos, depois de arruinados por huma cruel guerra, usando daquelle expediente, já tanto avultão no Theatro Politico, a que altura se deve esperar que o Brazil se eleve em riqueza, população, industria, e potencia, adoptando-se com firmeza igual policia, estando na situação a mais favoravel para a correspondencia mercantil com todas as partes do Globo; tendo tantas e tão boas terras, e excellentes portos; comprehendendo variedade de climas os mais proprios á existencia humana; cheio de producções geniaes e prolificas, e capaz de fazer naturalizar muitas outras, como já se tem experimentado; encerrando inexgotaveis mananciaes de opulencia em os artigos mais uteis, e do gosto das Nações civilizadas; fóra ainda muitos outros ainda desconhecidos em hum paiz na maior parte não explorado por sabios; bastando os exquisitos objectos de Historia Natural para dar extase aos conhecedores, principalmente aos Inglezes, que saberão apreciarlos, e até convertellos em ramos de Commercio para os ricos da Europa amadores das sciencias; não sendo além disto sujeito á epidemia, e furacões, que tão frequentemente despovoão as Cidades, e destroem as culturas, e bemfeitorias das mais regiões d'America; não carecendo de importação do oiro estrangeiro para a sua circulação, pois tem muito até para se exportar sem inconveniente, vistas as suas minas ricas não exhaustas, e nem ainda abertas, como as dos Districos Diamantinos, e outros lugares; não estando em fim opprimido com divida Publica, sendo quasi inconsideravel a existente etc. etc.

As nossas esperanças ainda mais redobráo, observando-se, que a Africa nos está em frente, e em boa parte nos pertence. Tal-

vez a civilisação deste Continente se de verá muito , algum dia , ao Brazil , quando tiver vasta povoação de gente homogenea , e de extração europea , com as mais uteis e variadas ramificações de industria , em que seja então possível cessar o trafico de escravatura , e introduzir-se hum commercio de que a Humanidade não gema ; pois não lhe faltão optimos artigos para o troço e mutuo interesse dos respectivos habitantes.

Demais : o Sul d' America já está submettido ás nossas especulações commerciaes , não obstante o antecedente Systema colonial , pela evidencia das vantagens , não menos do povo , que do Erario. He provavel que as Minas do Potosi nos dem daqui em diante ainda superior partilha de seus productos. A proximidade , a semelhança de lingua , a identidade de religião , a analogia de maneiras , e o habito de correspondencia , nos darão , ainda na paz , decisiva preferencia a quaesquer competidores nas Colonias de Hespanha.

Ninguem soube melhor que nós navegar para a Asia. Nenhuma Nação ahi tem mais reconhecidos e tranquilllos Estabelecimentos , nem mais oportunos meios para hum vasto commercio nesse Continente , onde a nossa lingua (bem que já corrupta) ainda ahi he quasi geral. O célebre Lord *Kames* no seu *Ensaio da Sociedade Civil* observa , que Portugal se póde alçar á grande consideração na India só com dar franqueza ao porto de Goa , e permitir tolerancia religiosa. A situação e belleza daquelle porto naturalmente encanaria para elle grande porção do commercio da Peninsula , o qual agora he forçado a tomar outra direcção. Os Inglezes devem em toda a Asia ser nossos fieis amigos e correspondentes ; e em lugar de colludirem os interesses das duas Nações , estes virão á concordia , até pelo nosso superior credito , de que ainda gozamos na China , onde os mesmos Inglezes carecem da Agencia e Firma Portugueza para o seu tão lucrativo ramo do *Anfião* , etc.

Os principaes portos do Brazil apresentam a mais natural es-
cála a todos os Estrangeiros , que houverem de passar o Cabo da
Boa Esperança , ou vierem de retorno d'Asia. Esta circumstancia
só os constituiria magnificos Entrepósitos para o commercio de
quantos sulcarem os nossos mares pacificos , e quizerem refrescar ,
ou carregar e descarregar mercadorias. Provavelmente muitos Eu-
ropeos , e Americanos , virão ahi buscar as fazendas e drogas
Orientaes ; por judicioso calculo , com o menor risco e maior com-
modo de preço. Tempo virá em que a qualquer aventureiro com-
derrota a Asia , que tocar os nossos portos , se poderá fazer de-
sistir de ulterior viagem , dizendo-lhe com Camões :

*E se buscando vás mercadoria ,
Que produce o aurifero Levante ,
Canella , cravo , e ardente especiaria ,
Ou droga salutifera , e prestante ,
Ou se queres luzente pedraria ,
O rubi fino , o rigido diamante ;
Daqui levarás tudo tão sobejo ,
Que bem faças o fim ao teu desejo ;*

He mais que verosimil , que , estabelecendo-se Regulares Com-
panhias de Seguro e Bancos de Desconto , Franquias , Cazas de
Deposito , com modicos Direitos de Baldeação , e Reexportação ,
logo a Renda do Estado , e o emprego do povo , recresça em
modo , de que por ora não nos he dado ver toda a solidez e ex-
tensão.

Não se entenda que me proponho illudir o Publico , offere-
cendo projectos visionarios , nem palliar-lhe o triste aspecto dos
negocios nestes afflictivos tempos. Sem duvida as desordens da Eu-
ropa muito obstão á breve e possivel expansão da nossa energia.
Mas este mal não provem da franqueza do commercio ; ao contra-

ão, esta he o melhor recurso para mitigallo. E como todas as Nações estão por ora quasi interdictas do trafico mercantil, e Navegação, o commercio franco e leal com os Inglezes he a unica sagrada anchora que nos resta para a nossa salvação e esperanças.

Não convem descorçoar na carreira em face das difficuldades. O estado da Europa sendo muito violento, não pôde ser de longa duração. Sem embargo de ali ser vedada a entrada dos nossos generos, com tudo boa parte hirá á seu destino pelas vias que a necessidade e industria Ingleza descobrir. A demanda dos mesmos generos he alta e urgente. Teremos por auxiliares todos que não querem perder o fructo de seus trabalhos e estão habituaados ás producções do Novo Mundo.

Como Sua Magestade o Rei da Gram Bretanha, pelo Acto de Parlamento de 11 de Março Cap. III., derogando as Leis antigas, ordenou que se admittissem em os tres Reinos Unidos todos os *Generos*, *Fazendas*, e *Mercadorias* dos Estados do Sul de S. A. R. (com a mais exacta coincidencia á Carta Regia, em que se usa de igual generalidade), pagando os mesmos Direitos, que antes satisfazião as sahidas do Reino, com tanto que sejam transportadas em Navios e Embarcações de construcção Nacional, ou de legitima Preza, trazendo tres quartos da Tripolação Portugueza; he claro estar estabelecida a reciprocidade dos interesses de ambas as Nações, quanto era possivel nas actuaes circumstancias.

Se nos he necessaria e util a franqueza do commercio com os Inglezes, a Politica imperiosamente a ordena.

Ainda que esta, primaria e directamente, tenha em vista a segurança, independencia, e força do Estado, com tudo não pôde, nem deve, prescindir da Riqueza Nacional, proveniente daquelle fonte; antes indefinidamente promovêlla por todas as Instituições justas, e as mais adequadas a tal fim; pois que, em ra-

ção da Tactica moderna (terrestre e maritima) a defensão das Nações exige immensa despeza nos Armamentos dos Exercitos, Fortalezas, Esquadras, Apparelhos, e Instrumentos de guerra, &c.; de sorte que a probabilidade do feliz exito de Contendas Politicas está da parte da Nação, que melhor póde fazer esta despeza, sendo aliás todas as mais cousas iguaes em bom governo, numero de gente, patriotismo, disciplina e pericia militar.

Nem faz a isto excepção a presente guerra, antes o confirma; pois o horrivel monstro do fanatismo revolucionario com todo o prestigio de seus magicos termos de *liberdade e igualdade*, (a que depois se substituirão outros não menos seductores de *gloria e victoria*) teria feito ainda maiores estragos, se não tivesse encontrado o antagonista da Opulencia Britannica, (sempre renovada e progressiva pela acção do commercio) com que não só se tem quasi aniquilado a Marinha do Inimigo, mas tambem habilitado ao Governo Inglez a manter Forças Navaes desconhecidas na Historia das Nações (*), e com ella, segundo he de crer, impossibilitado o projecto de invasão em seus reinos.

Como a Nação Ingleza tem, por assim dizer, com Vigor Atlantico mettido hombros ao Mundo, e sustenta impavida o Edificio da Civilisação para salvar a Europa do barbarismo imminente; he necessario, que, participando das vantagens de seu Commercio, entremos em competente partilha, não só de proporcional segurança, independencia, e força, mas tambem da honra de não dobrar o joelho ao Idolo do Seculo, ante que se prostrarão tantas illustres Monarchias, e de ganhar a gloria, que parece estar reservada ás Nações que abrirão e alargarão a Communicação dos homens, extendendo a esphera de seus bens e conhecimentos.

Não

(*) Pelos papeis publicos deste anno consta ter agora a Gran Bretanha 235 Nãos de Linha, sem contar as da Esquadra Dinamarqueza, estando em actual Commissão hum total de 700 Embarcações de guerra.

Não desaproveitemos a segunda vez que a Divina Providencia nos faculta de reluzir no Universo, e alcançar titulos á apotheose na Posteridade. Devemos racionavelmente crer, que foi para altos destinos, que S. A. R., com os caros Penhores de sua Augusta Prole, e Familia, se salvou, quasi miraculosamente, de tantos perigos. Temos por solida Garantia da futura grandeza do Imperio Lusitano o pio voto, e religiosa supplica, que S. Magestade o Rey da Gram Bretanha fez ao Ente Supremo no seu Parlamento Alto ao principio deste anno.

„ A Esquadra do Principe Regente de Portugal era destinada pelo Inimigo a servir de instrumento de vingança contra a Gram Bretanha: ella foi posta fóra de seu alcance, e agora está empregada em transportar aos seus Dominios no Brazil as fortunas e esperanças da Monarchia Portugueza. Sua Magestade implora a protecção da Divina Providencia, regozijando-se na salvação de huma Potencia ha tanto tempo Amiga e Alliada da Gram Breranha, e na perspectiva de seu Estabelecimento em o Novo Mundo com superior força e esplendor.

A' vista disto quem não sente extrasiar-se o espirito, e excitarem-se as mais altas idéas das nossas futuras prosperidades? Assim eu podesse inspirar em todos os animos a mais profunda veneração a tão Grande Soberano, que faz tal supplica ao Omnipotente no mais Augusto Senado do Mundo, que iguala em majestade ao da antiga Roma, que representava hum Conselho de Reis.

A Natureza nos ensina e impelle a ser energica Nação Commerciantes. Para isso a Amizade e Alliança do Governo Britanico se-constitue de hum immenso Valor Politico na actual conjunctura, em que não só era forçoso escolher entre as duas Preponderantes Nações da Europa, mas tão bem porque estavamos na mais urgente precisão de desobstruir o nosso Commercio, e extender o mercado das Possessões da Coroa, para adquirirmos os meios proporcionados a sustentar com honra a causa do Soberano, e da

Nação ; repellindo as tentativas do Inimigo ; e forçando-o á reintegração da Monarchia ; o que seria impossivel sem a mais intima união com o dito Governo , e abertura dos portos do Brazil.

Longe de nós o pestifero bafo das animosidades politicas , e ciumes mercantis , com que na Europa se costumão desligar particulares e Estados , que antes se união por corações e interesses. Isso occasionava inimizades irreconciliaveis , a gangrena das Nações , e a ruina das dynastias. A Terra he assás vasta para conter sem conflicto duas Nações independentes e Irmãas de seus Descobridores , e Circumnavegadorés. Quanto mais de huma e outra parte crescer a população , riqueza , e potencia , tanto haverá , na mesma proporção , maior progresso de fundos , forças , e facilidades , para o mutuo commercio , auxilio reciproco , e perenne complacencia.

Ainda que , confiando sobre tudo na Divina Protecção , e fazendo o que devemos , para se mallograrem os planos do Inimigo , baste a Presença de S. A. R. neste Estado (que perfeiramente se defende pela natureza do territorio , lealdade Nacional , e heroico valor Brasileiro , de que em outra era já se virão as mais decisivas provas , quando se expulsárão antigos invasores , havendo alias incomparavelmente menos povoação no paiz , e achando-se os seus habitantes desamparados , e destituídos de meios de socorro e resistencia) com tudo , seria agora o delirio da imprudencia , e a intrepidez da ignorancia , pertender-se estar só , prescindindo-se do auxilio , e trafico dos Inglezes , e restringindo-se o seu commercio com arbitrario , e mesquinho compasso. Meias medidas sempre forão insignificantes , e produzem o effeito contrario ao destino.

Nenhum verdadeiro patriota póde supportar a idéa de occasionar desconfiança e desgosto a huma Potencia Maritima tão benevola , e poderosa. Considerem bem os Cordatos as circunstancias a que seriamos reduzidos sem a constante harmonia , e irres-

rica correspondencia dos Inglezes , tendo o Inimigô sorprezo parte da nossa Marinha , e carecendo nós tanto do Commercio da cabotagem deste Continente ; ainda sem fallar da necessidade da continua importação de escravos d' Africa , e do tão util trafico que já temos nas Colonias de Hespanha.

O celebrado Author do *Espirito das Leis* diz : *Eu não amo os Conquistadores ; mas custa-me a crer que Alexandre e Gengiskam fossem pequenos Genios.* Não assinto á este conceito ; pois só reconheço por Genios aos Bemfeitores da Espécie Humana , e não aos Destruidores das Nações. Mas , depois de successos tão rapidos e pavorosos , que tem confundido todas as imaginações , desfeito todos os intentos , desorientado todos os espiritos , e quasi extincto a esperança da resuscitação da Europa , quem se poderá abandonar á falsa seguridade , julgando ainda os confins do Mundo inacessiveis aos assaltos de huma gente afamada por temeridades , que desperdição suas vidas havendo-as por *nada* (*), e sendo hoje dirigida por huma força concentrada , formidavel , e infelizmente tão habil na arte de destruir , que dispõe a seu arbitrio dos braços , navios , e recursos do Continente , para se aventurar tambem ás mais arduas empresas navaes ? Ainda que em outro tempo a nossa Potencia Maritima era sufficiente para a defeza das Costas do Brazil , segundo cantou Camões (**), agora a prudencia aconselha ,
que ,

(*) He bem sabido o dito dos Francezes , que , se , na projectada invasão de Inglaterra , perecerem na passagem do mar cem mil Francezes , isso he *nada*. Os do partido applaudem a horribilidade , de que a Natureza estremece ; o que faz lembrar o pensamento do seu já citado Author do *Espirito das Leis* , *que ha paizes onde os homens valem nada.*

(**) Das mãos do teu Estevão vem tomar

As redeas hum , que já será illustrado

No Brazil , com vencer e castigar

O Pirata Francez ao mar usado.

que, estando em circumstancias diversas, nos unamos cordialmente ás forças do Soberano e Vassallos da Gram-Bretanha, nossos antigos e constantes Irmãos d'armas, que merecerão o elogio do mesmo Poeta descrevendo o seu valor (*). Não se entenda que eu ajuize possível invasão do Inimigo neste Estado. Ao contrario entendo, que, se alguns temerarios, escapando da vista das Esquadras Inglezas, se arrojam a entrar em algum nosso porto, ou macular nossas praias; acharão logo o digno premio de sua malfetoria. Não temos visto em toda a parte o máo exito de todas as suas Expedições Maritimas? Desertores do Egypto não serão conquistadores d'America. O Brazil não he Malta, ou outra Ilha, que se tome á traição, ou com os chamados golpes de mão, e nem ainda a Europa, onde o Alcorão Revolucionario afrouxou em toda a parte o espirito publico; e onde a geral cultura, e industria apresentava aos salteadores, a cada legoa, Cidades, Armazens, e Officinas; para terem vasto suppressimento, forçarem recrutas, e extorquirem contribuições. Elles não poderiam estabelecer Corpos de reserva, e continuamente enviar myriades de conscriptos que reparem as mortandades, e preenchão as Legiões. Aqui serão nossos incorruptiveis auxiliares até os matos, montes, pantanaes, e desertos. Passaremos por algum incommodo, mas não sob o jugo dos Sarracenos do dia.

Porém he vigiando, trabalhando, e bem consultando aos nossos

H in

(*) Era este Inglez potente, e militara

Co' os Portuguezes já contra Castella;

Onde as forças magnanimas provara

Dos Companheiros, e benigna estrella.

Não são vistos do Sol do Tejo ao Batro

De força, e esforço, e animo mais forte.

interesses, que podemos esperar tranquillidade, e paz honroza (*). Ainda as maiores Potencias procurão novas Allianças, e apertar as antigas no tempo de guerra; e não se deve só aspirar á defeza, mas tão bem á opulencia e gloria Nacional. Todas estas considerações reunidas clamão pela nossa inseparavel União com os Inglezes. Justo meio entre os extremos he dictado pela providencia do futuro. Convem nem temer o Inimigo, nem desprezallo. Porém ainda muito mais importa não aggravar aos amigos, nem affectar independencia do unico Poder que goza do Imperio do Mar, e tem vontade, interesse, e força, para resgatar a Europa do captiveiro que a opprime.

Alguns Politicos só achão solidas, e mais temiveis, as Potencias Terrestres, e desattendem as Maritimas. Mas toda a Historia depõe contra essa opinião. Factos decisivos tem mostrado a certeza do Conselho de *Themistocles* (**), que antigamente salvou a Grecia do Barbarismo Asiatico, oppondo-lhe a Força Naval do poyo então o mais civilizado do Mundo conhecido. Aquelle grande Homem tinha por maxima politica, que *quem domina o mar, perd ordem á terra*. O famoso *Bacon* dizia, que a Potencia Maritima era o *Compendio da Monarchia* (***). Elle indica os exemplos da Batalha Naval de *Actium*, que deo a Augusto o Imperio de Roma; a de *Lepanto*, que poz termo ao Poder Ottomano, que ameaçava subjugar toda a Europa; a do Canal de Inglaterra pelo Almirante *Drake*, que não só salvou a Gram Bretanha da projectada invasão de Philippe II., denominada a *Potencia Vulpina*, mas também desassombrou o Mundo dos terrores de

vin-

(*) Agendo, vigilando, bene consulendo, cuncta prospere cedunt. Ubi soccordiae te, atque ignaviae, tradideris, necququam Deos implores: irati, infesti que sunt. . . . *Cato apud Sallust. de Bell. Catil.*

(**) Consilium Pompei plane Themistocleum; putat enim qui mare tenet, eum rerum potiri. *Cicero.*

(***) Essay Econom.

vingança daquelle Despota, que tinha abatido a Monarchia Lusitana (*).

O Governo Francez está tão certo desta verdade, que todo o seu empenho tem sido o senhorear-se da Marinha das Nações que subjugou, ou illudio, e espera levantar brevemente huma propria; como se para isso bastasse ter Náos, e atulhallas de gente noviça, e sem experiencia da Tactica Naval, que tanto custa a adquirir, e que suppõe necessariamente antigo e vasto commercio, habito de pescarias em mar alto, continuas victorias navaes, &c.

Devemos esperar do Genio da Humanidade, que os dous Poderes não se concentrem em a mesma mão. Felizmente a Natureza e a Politica parecem ter segurado a divisão destes Poderes. Unamos pois nossos meios e recursos, para que esta Divisão subsista. Se a França nos fecha, e aos Inglezes, o Continente da Europa (empenho vão e deshonoroso) ser-lhe ha *para sempre também* fechado o Oceano, e mal ahi appareceráõ Francezes como escravos fugitivos, que temem a presença de seu senhor. Toda a Europa fará votos para que não se arruine a Potencia, que só pôde fazer parar na carreira a quem medita a ruina de hum e outro Hemispherio, quando aliás podia aspirar a conseguir a gloria de dar Paz ao Mundo, e com sua benigna influencia e exemplo fazer reinar na Terra os Principios Philanthropicos da Geral Benevolencia.

Ainda que presentemente se desdenhem as opiniões dos maiores Escriptores nos objectos os mais dignos de occupar os espiritos dos que desejão o bem de seu paiz, e do Genero Humano; e até muitos prudentes achem que as circumstancias actuaes não admittem comparação com as antigas, com tudo, para se mostrar que não são cerebrinas as observações antecedentes transcreverei os pareceres dos maiores Politicos da França, *Montesquieu*, e *Mably*,

H ii

que

(*) Young na sua Ode que intitulou *Imperium Pelagi*, diz: que cada Tombadilho he hum Throno.

que fizerão o quadro comparativo dos dous Governos rivaes, nas suas relações com as mais Potencias: elles fundão-se em verdades notórias, que espero se confirmem com o tempo, quando se dissiparem os erros e os furores da infeliz quadra em que vivemos. As seguintes passagens justificarão a nossa plena confiança no Governo Inglez.

„ A Nação que está na posse de hum grande Commercio marítimo, e tem o imperio do mar, he sempre dotada de grande segurança, e o povo adquire por isso huma altivez natural; pois, sentindo-se seguro, e capaz de atacar por toda a parte, pensa que o seu poder só tem por limites o Oceano. Esta Nação deve ter grande influencia nos negocios de seus vizinhos; porque, *como não empregaria a sua potencia para conquistar, procurar-se-hia a sua amizade, e temer-se-hia o seu odio.* Ella em algumas occasiões vem a ser o centro das Negociações, e *teria mais probidade e boa fé que as outras....* Grande Commercio produz grande Navegação, e esta grande potencia (*).

„ Além das vantagens geraes que Inglaterra tem em qualidade de Potencia Rival sobre a França, a sua superioridade no mar deve também contribuir a dar-lhe maior numero de Alliados. A Nação que só he poderosa em terra, não he vizinha se não dos Estados que a tocão de algum modo pelas suas fronteiras; porém muitas vezes he embaraçada de fazer alguma diversão em favor de seus Alliados. Mas huma Potencia Maritima he vizinha de todos os paizes pelas suas Esquadras; e podendo em consequencia fazer mais bem, e mais mal, á maior numero de Estados, deve gozar de huma Consideração mais extensa (**).

Embora pois a França blazone de sua vasta Confederação de outras Potencias do Continente. Nem crianças creerão em ligas extorquidas com a baioneta ao peito, ou estratagemas illusorios. As

na-

(*) Esprit des Loix. Liv. 19. Cap. 27. Liv. 21. Cap. 13.

(**) Principes de Negociation. Cap. 6.

naturaes relações das causas não se extirpão com violencia ephemera. Se impios fados não tem de todo abysmado a Europa, sem duvida tantos illustres Estados que ahi antes florecião, por saudavel equilibrio de forças, não amarão a seu espoliador e oppressor, e só esperarão o momento favoravel para se lançarem nos braços de Inglaterra, e implorar o soccorro de seu Governo que só pode ser o Geral Restaurador.

O Governo Francez, que tanto porfiou para desligar-nos da Gram Bretanha, a fim de melhor segurar a nossa ruina, praticando o mesmo com as mais Nações, para tirar-lhes esse apoio restante, não cessa de fazer subtrís suggestões, espavorindo os fracos, e tratando os ambiciosos (que destina, como Polyphemo, a serem por mercê devorados os ultimos) accusa ao Governo e Povo Inglez de ter reduzido a todos os Estados, e com especialidade ao nosso, á ignominiosa dependencia de sua industria e ambição, saccando-lhes todo o oiro pelo Commercio legal ou de contrabando, para depois com elle corromper os Gabinetes, excitar guerras, e lucrar da geral calamidade e miseria; pertendendo monopolisar o Commercio do Mundo, arrogando-se o imperio do mar, apresando os Návios neutraes, conquistando toda a India, e principaes Ilhas do Oceano, tyranisando os seus proprios vassallos Irlandezes só por serem Catholicos. Igualmente o accusa de ser infractor da Paz de *Amiens*, de proclamar guerra eterna, de atacar a Hespanha tomando-lhe suas Fragatas sem declaração de guerra, destruindo tantas vidas innocentes no bombardeamento de Copenhague, sem ter alguma provocação de Dinamarca. Por isso força a todas as Nações á atroz cruzada contra a Gram Bretanha, decreta geral proscricção de seu Commercio, appellindando-a, como por vilipendio, *Nação de Traficantes e Monopolistas*, imprecando-lhe o fado de Carthago.

Assim o Governo Francez, o que não pode vencer por armas e tramás, esforça-se em conseguir pelo não menos assolador

systema de ameaça , e diffamação. Mas todõs esses phantasmas desaparecẽm ao simples toque da verdade.

Nenhum Governo tem direito de erigir-se em Juiz de outros , e menos das Potencias reconhecidas , que só tem por Censor o Tribunal da Opinião Publica. Qualquer Nação só he competente em decidir sobre as especificas relações de seus interesses com qualquer outra Nação. Neste ponto de vista , a Amizade , e Alliança de Portugal com a Gran Bretanha tem os mais racionaveis e urgentes motivos ; pois o Governo Britanico sempre deo todas as provas do quanto respeitava a independencia da Corõa Portugueza , e o quanto se interessou na sua Dignidade Politica.

A irrefragavel evidencia de probidade e delicadeza daquelle Governo he , que nunca se ingerio em influir , e menos em alterar , as nossas Instituições Religiosas e Civis ; nem jamais turbou a Administração do Reino em qualquer Repartição ; não obsteo ao Estabelecimento de Fabricas protegidas com tantas Leis , que prohibião a importação de iguaes , ou semelhantes obras estrangeiras , sendo varias directamente oppostas aos interesses commerciaes da Gran Bretanha.

As vantagens que os Inglezes tinham em virtude do Tratado de *Methuen* , e por outras Graças do nosso Governo , não diminuião , antes muito promovêrão , os interesses da Agricultura e Commercio do Reino ; pois , segundo ja acima se observou , os grandes Ramos da industria rural e mercantil , em que o povo tinha mais emprego , e o Estado mais renda , erão as consequencias do vasto e certo mercado dos Inglezes. Sendo estes os maiores compradores , e os melhores pagadores dos nossos Generos , ainda algum detrimento resultante da preferencia dos seus lanificios , e outros productos manufacturados , provavelmente se compensava por esta circumstancia , que sempre se costuma attender pela prudencia dos individuos no manejo dos seus negocios : tanto mais que nenhuma Nação podia fazer-nos tão grande partido.

Sim

Sim desejavamos ter mais Fabricas, por mera imitação. Mas consultavamos nisto aos nossos bem entendidos interesses? Já tínhamos a agricultura e população de que o Reino era susceptivel? Sobejávão-nos Capitaes para mandar vir dos paizes estrangeiros boas maquinas, e os mais habeis Mestres e Artistas, para applicar braços a essas novas direcções? O rendimento das que estabelecemos tinhão por ventura proporção só com o producto das vinhas do Alto Douro, não obstante o terrivel monopolio, e as notorias oppressões da Companhia? Tendo mais Fabricas que Agricultura, seria mais extensa a nossa navegação? Certamente não.

Alem de que, no Calculo dos nossos interesses, se deve lançar em primeira linha de conta a certeza da preciosa e constante Amizade e Alliança de huma Potencia, que sempre em os apertos do Estado, nos soccorre com gente, armas, e náos, e até com subsidios de dinheiro. E he por esta razão que Smith no Liv. IV. Cap. VI. mostra, que o sobredito Tratado de *Mathuem*, e subseqüentes favores do nosso Governo á bem do Commercio dos Inglezes, não erão tão uteis á Gram Bretanha, como vulgarmente se crê. As grandes Nações são como os grandes Negociantes, que comprão e vendem onde achão mais conta, e não fazem depender a sua riqueza e existencia (como os pobres e traficantes) de certo lugar, e acanhada fréguezia.

E qual he a Nação, que não tenha por Tratados de Commercio procurado adquirir algumas vantagens especiaes nas suas relações mercantis com as outras Nações, cujos Governos tambem calculão os seus interesses nas concessões que fazem ás chamadas *Nações mais favorecidas*? Estas erão as praticas dos Estados os mais entendidos, segundo as *Maximas da Economia Politica* predominante na Europa, principalmente desde o tempo do Ministro Francez *Mr. Colbert*, que, com todos os Homens de Estado que o copiarão, estava persuadido, que não se podia promover a Industria Nacional, senão á abrigo de privilegios e monopolios res-

trições, e preferências, absoluta prohibição de entrada ou saída de certos Generos, e sobrecarrego de Direitos em outros (o que ás vezes equivale á absoluta prohibição). Se nisso havia erro (como demonstra Smith) a illusão era geral, e não privativa insolença do Governo Britannico.

Como agora os tempos são outros, he de esperar, que permittindo a Divina Bondade paz solida, prevaleção em os Estados Cultos, principios mais liberaes na Diplomacia, e Administração Publica; e que, em os Ministerios tão esclarecidos da Nação Portugueza e Ingleza, os Tratados de Commercio que se ajustarem conforme as exigencias das circumstancias assentem sobre as bases da mais perfeita reciprocidade, e escrupulosa observancia dos Direitos do Genero Humano.

São destituidas de fundamento as declamações contra Inglezes de se terem enriquecido á nossa custa, tirando-nos o oiro, e fazendo contrabandos. As pessoas intelligentes conhecem que a riqueza da Gram Bretanha emana de fontes mui variadas e exuberantes, que acima apontei, e que a Nação tem descoberto em todo o Mundo. Ella já era opulenta e poderosa muito antes que tivesse Tratados com Portugal, ainda que sem duvida táobem creceo em opulencia, e poder com as relações mercantis do nosso Reino. A vasta Marinha que tinha já no tempo da sua celebrada Isabel, com que destruiu a que se intitulou *Armada Invencivel* do Soberbo Philippe II., prova a existencia de seu mui extenso commercio, e consequentemente das riquezas que delle procedem.

Se alguns Inglezes praticarão abusos, fazendo commercio clandestino e illegitimo, a irregularidade de individuos nada prova ao caso; pois o contrabando não só he hum vicio commum das Nações commerciantes, mas tambem a inevitavel consequencia da falta de hum commercio franco, ou da politica (que lhe equivalle) de carregar as mercadorias de mui gravosos Direitos, e outros bem sabidos vexames fiscaes; sem se advertir que, na *Ari-*

mética de Finanças ; *dous e dous* , em lugar de fazerem quatro , fazem *ds vezes menos* , que *hum* , segundo o mostra a experiencia , e he dito do Escritor Inglez *Swift*.

Se os Soberanos que tem feito tantos Tratados inuteis , e ainda contra os seus genuinos interesses , fizessem hum em favor da Humanidade , libertando o seu Commercio de tantas cadêas , e estabelecendo hum Systema de Finanças esclarecido , que conciliasse a utilidade do Erario com o do Povo ; cada Estado teria a Renda Publica proporcionada á Riqueza Nacional , e facultades de pagar dos contribuentes , e todas as Nações se elevarião á maior prosperidade possível , empregando o seu trabalho e capital naquelles ramos de industria a que a Natureza , e as suas circunstancias as tivessem privativamente habilitado. Então não haverião ciumes , collisões , reprezallias , e guerras de commercio.

Deve-se aqui notar , que , a respeito dos contrabandos , a França he a menos propria para objectar essa desordem aos Inglezes. Não havia no Reino pessoa de alguma fortuna , e especialmente da classe dos chamados de *bom tom* , que não caprichasse em fazer uso de rapé , vinhos , e vestidos da França ; e rara era a pessoa do sexo , que não se ornasse com fazendas francesas , até com modas frivolas e escandalosas. Do que se mostra , que os tão invejados e abocanhados favores do nosso commercio aos Inglezes , não erão , de facto , excessivos , nem exclusivos de outras Nações. Alem de que a França sempre teve em Portugal varios ramos de commercio acreditados , e de extracção certa ; sem fallar no de livros , em que não tinha quasi alguma concorrência , e menos dos Inglezes ; por ter infelizmente a Litteratura Britannica (incomparavelmente mais subida) poucos amantes e conhecedores em o nosso paiz ; e ao contrario a Litteratura Franceza havia conseguido hum curso devasso , pela facilidade da lingua , pompa de expressão , e lascivia de doutrinas.

Que os Inglezes levassem o nosso oiro , não he materia de

invectivas. Certamente o não extorquirão, nem ninguém lhes fez presente d'elle, mas todos o derão por troco de equivalentes. Que faríamos de tanto oiro que as nossas minas tem produzido? As mais Nações que, directa ou indirectamente, commerciaão com Portugal, tambem sempre tiverão a sua partilha de metaes preciosos, proporcionalmente á quota dos respectivos artigos importados, ou serviços feitos. Pertendíamos abarcar e reter todo o oiro do Brazil, e ficar desprovidos dos suprimentos estrangeiros de que precisavamos, e que nem podíamos, nem sabíamos fabricar, ou não tão bem, e tão barato, nem na quantidade necessaria?

Se não dessemos o nosso oiro em troco de outros Generos de fóra do paiz, e os estrangeiros o não sacassem pelo commercio, nós mesmos teríamos o cuidado e ancia de o remetter para onde se podesse tirar d'elle algum proveito por emprestimo aos ditos estrangeiros, ou por compra de suas mercadorias. Do contrario, além da intoleravel penuria e carestia que soffreríamos de muitos artigos indispensaveis, dariamos ao mundo o espectáculo de hum povo de fátuos, assemelhando-se cada rico ao *Midas* da fabula, que pedia a Jupiter que lhe convertesse em oiro tudo que tocasse. Assim já ha muito tempo teríamos despertado a cubiça das Potencias fortes para invadirem o Reino, e se apoderarem dos thesouros accumulados tão inutilmente á si, e aos mais povos. A Historia mostra, e bem o nota o maior Politico da antiguidade, que essa he huma das principaes causas das guerras (*). A presente invasão da França teve em grande parte por estimulo as exaggeradas idéas das nossas riquezas pecuniarias, e não os absurdos pretextos que o seu Governo publicou.

He indifferente que os metaes preciosos se tirem em primeira mão dos paizes que tem minas, ou que sejam attrahidos pelas operações do commercio. Hollanda, que não tinha entre nós as mes-

mas

(*) Aurum et opes, præcipue bellorum causa. Tacitus.

mas vantagens da *Grã Bretanha*, era, antes da invasão da França em seu paiz, havida pelo Estado da Europa o mais rico em oiro, á proporção do territorio; de sorte que até era obrigada a emprestar muito cabedal á varias Potencias, e a juro mui baixo. Em nenhuma parte mais que alli girava tanto dinheiro de *oiro em barra*, que *Smith* chama a *grande moeda da republica mercantil*. Em Hamburgo e mais Cidades Anseaticas circulava tanto dinheiro, que a regra he *pezar e pagar*.

Objecta-se com muita emphase aos Inglezes a Guarnição que mettêrão em Goa, e na Ilha da Madeira, no principio deste Seculo. Mas todos sabem que forão medidas de precaução, salva a harmonia e boa intelligencia com o nosso Governo, para se prevenirem as atraçoadas surprêzas do Inimigo; sem todavia em cousa alguma se diminuir a integridade da Administração Civil dos respectivos territorios, e menos attentar-se á Soberania da Coroa. Se de proximo aquella Ilha foi tomada por Expedição Militar, ninguem ignora a causa, e que tambem se restituiu, logo que Sua Magestade Britannica se certificou das intenções de Seu Fidelissimo Alliado. He bem notorio, que, durante a Neutralidade, os Inglezes muito respeitárão a nossa Bandeira, não obstante ser certo, e por elles não ignorado, que frequentemente cobria o commercio dos Francezes e Hespanhóes, que não achava abrigo em os Navios das outras Nações neutraes.

He por estes Caracteres Capitaes que se deve avaliar a Politica dos Governos, e não por escuras anedotas, vagas suspeitas, factos exaggerados, e ainda reaes incongruencias, que só podem ser objecto de explanação, ou satisfação. Nem entre os particulares e amigos se deixão de relevar algumas asperezas de genio, e differenças de obrar e pensar. He chimera requerer perfeição ideal nos homens; optimo he o que tem menos defeitos.

Diz-se que a amizade dos Inglezes, e a protecção de seu Governo a nosso respeito, tem sido interesseira. Foi sempre o interesse que ligou individuos e Estados. Nas cousas humanas a caren-

cia e conveniencia reciproca se constitue a mais solida garantia da perseverança das uniões de toda a especie. Só o favor e auxilio do Omnipotente he gratuito. Felizmente os interesses politicos, e commerciaes da Gram Bretanha nesta epocha coincidem e se ajustão com os nossos o mais exactamente que se poderia dezejar. Huns e outros estão de tal modo identificados, que ha toda a razão de esperar, até a mais remota posteridade, sempre energica, e fiel cooperação do seu Governo, para o esplendor do Imperio Lusitano.

He difficil decidir sobre a equação das reciprocas utilidades dos dois Estados na Magnanima Resolução de S. A. R. em retirar-se para o Brazil. Sem diminuir hum apice da grandeza do obsequio de Sua Magestade Britannica em sua benigna influencia em tal Expedição; não he menos evidente, que o nosso Augusto Principe, derribando o artefacto do Inimigo, tambem efficazmente concorreo a obstar aos seus ulteriores projectos de invasão da Gram Bretanha, abrindo o vasto mercado da America do Sul aos Inglezes, e facilitando-lhes não menos todas as operações Militares para a segurança do seu Imperio da India.

Finalmente he incontestavel que a Nação Ingleza se distingue em firmeza de Character, generosidade esclarecida, exaltado ponto de honra, e até em o nobre timbre de conservar amizades hereditarias. Quanto mais seguros e sublimes se deve presumir que sejam estes sentimentos em o seu Governo, que brilha no Universo como a Cidade sobre o monte a quem o Sol illumina; e que não só promove o progresso das sciencias de hum modo superior, e especialmente as politicas, que tendem á perfeição do Regimen Social, mas que até permite, e se faz gloria, que as grandes questões dos interesses das Nações, e dos seus proprios Actos Diplomaticos, se deliberem publicamente, sem receio de facções, e do espirito de contradição, a fim de que se apure e propague a verdade por mil vehiculos do prélo, e commercio! Que he dado

Se a fraca providencia humana se não o conjecturar do passado ao futuro? Se á estas observações especificas, que immediatamente nos tocão, se acrescentarem as geraes, que manifestão o Systema Politico da Gran Bretanha a respeito das Nações Civilisadas, a these proposta se pode dizer que tem o rigor de demonstração.

O Governo Britannico não carece de apologistas: elle se tem justificado á face do Universo. Portanto só indicarei algumas razões mais obvias, para desabugar o vulgo de illusões grosseiras.

Quando não tivessemos a antiga Alliança com o Governo Britannico, para, na crise actual, se fazer recta escolha do partido politico, bastaria advertir, que a França se propõe, sem mascara, nem reboço, a universal *conquista, e dominação*, e a Gran Bretanha simplesmente *Commercio, e riqueza*; aquelle concedido pelos Soberanos das Nações, e esta, adquirida por sua industria, e leal ajuste com os povos.

Logo á primeira vista he manifesto, que o Governo Francez projecta opprimir e arruinar, e o Governo Inglez tratar amigavelmente, e fazer prosperar a todos os Estados. Huma Nação que só pertende Commercio, não pôde obter riquezas por esta via, senão por cambio de equivalentes; e isto não se pôde verificar em consideravel dose, sem que se excitem nos respectivos paizes com quem trata, proporcionaes grãos de energia productiva de bens da vida. Ao contrario, a que se propõe conquista sobre as Nações civilisadas, não pôde ter em desingnio senão turbar a ordem estabelecida, extorquir-lhes as riquezas, dispôr dos braços da gente do paiz para a execução de seus projectos, forçar á sujeição e obediencia com maior numero de tropas, e rigor de penas; o que, alem de abater os animos, e tirar toda a confiança entre o governo e governados, faz perdêr a proporção entre o numero dos que consomem e dos que produzem; do que resulta a geral miseria. Assim he claro que os principios da Politica Britannica são

sociaes, e philanthropicos; e os da Politica Franceza hostis, e deshumanos.

A França propõe-se introduzir em todos os paizes o seu *Novo Alcorão*, e estabelecer ainda maior, e não menos tyrannico *crescente ottomano*, sem haver a menor contemplação á leis, usos, climas, e opiniões dos homens.

Em Milão se decretou o castigo das *bastonadas*, e serem os chamados paizes rebeldes, isto he, os leaes a seus antigos soberanos, tratados *como colonias*; e já em Napoles se executou a horrivel *Empalação*. Taes cruezas da Turquia e Cafraria são vistas na patria de *Beccaria*, e *Filangieri*. Eis a sorte das Nações cahidas sob o jugo Francez. A experiencia mostra que a França trata com a mesma iniquidade amigos, neutros, e inimigos. Veja-se o que aconteceu á Prussia, que tanto a obsequiou, e á Polonia, que lhe abriu os braços (*). Onde ella influe, ou suas armas penetrão, tudo he perdido, até a honra, e o entendimento; pois se indigna, e persegue os habitantes dos paizes espoliados, e arruinados por seus exercitos, e prohibições de Commercio, sem mais culpa que o reconhecerem a propria desgraça, e se exforçarem por fugir da atroz tyrannia.

A Nação Franceza sempre foi bellicosa, e a guerra tem sido o seu principal negocio. O projecto da Monarchia Universal, que fermenta na França desde o seu Rei Luiz XIV., reviveo agora com centuplicada força, porque os enthusiasmos revolucionarios, com sacrificio de milhões de vidas, abatêrão todos os Baluartes da

Eu-

(*) Mr. Barri Saint Vincent na sua Obra publicada em 1802 sobre as *Colonias modernas*, a respeito da Hespanha, diz pag. 167. *Scs états, même ceux d'Europe, sont à la merci de la premiere puissance qui voudra s'en emparer. Ceux d'Amérique seront, quand la France le vandra, un Ferme, &c.* Mas a briosã Nação Hespanhola, a meu ver, ainda tem energia para não soffrer o jugo estrangeiro.

Europa, ou os pozerão em poder dos que se tem successivamente apoderado do governo do paiz. O actual Chefe da Nação, que presume sobreexceder a Cesar, e que seguiu o seu exemplo, nada julgando feito, se alguma cousa resta a fazer, sem duvida não proporá o *Senado Consulto* de Augusto de *conter os limites do Imperio*. Elle já domina desde o Tanais até o Bosphoro, não achando quem lhe resista, pela quasi geral obstupescção e portentoso indifferntismo dos povos, e aspirantes á fortuna por subitas mudanças, sem que tão repetidas experiencias os desenganem de seus errados conceitos, e falsas esperanças. Só o Governo Britannico o pode fazer parar na carreira, não se horrorisando do meteoro, que hade passar como os outros.

A Nação Ingleza, contente com a feliz situação de suas Ilhas, que lhe facilita o commercio do Orbe, não tem, nem pretende ter, hum palmo do Continente Europeo, á excepção de Gibraltar por impolíticas provocações da Hespanha. E ainda assim só o conserva para segurar o seu Commercio no Mediterraneo. As possessões que tem nas Indias Occidentaes procedem da mesma causa, e das guerras felizes que tem sido obrigada sustentar contra a França.

Nem se diga, que a moderação dos Inglezes na Europa he por impotencia de fazer ahi conquistas; porque a Historia mostra os prodigios de valor nos seus antigos frequentes desembarques na França. Não ha quem ignore as suas proezas no tempo do chamado *Principe Negro*, e de *Malboroug*. A presente tactica de atacar por columnas he mera copia da pratica dos Inglezes na celebre batalha de *Fontenoy*, em que assombrarão os Mestres de guerra, e os mais valentes Capitães da França. Hoje porém o seu Governo tem reconhecido o absurdo das Correrias terrestres, e não aspira á triste gloria de empobrecer as Nações, e destruir vidas sem conto. Quer que a sua gente se occupe para o bem geral da Humanidade em trabalho productivo. *Commercio, Commercio he,*
por

por assim dizer ; o *Santo geral* do dia de sua Milicia pacifica , que sem tropas , nem espias , faz pôr em activo e util movimento os industriosos de todos os paizes , para colherem , e trocarem em boa fé , os dons do Dador de tudo em qualquer lugar da terra .

Mas suppondo-se que a Grã Bretanha está na impotencia de fazer conquistas na Europa , esta mesma feliz impotencia constitue ao seu Governo o Arbitro das Nações cultas , e lhe assigna o honorifico posto de seu Defensor. E tal tem sido o uso , que tem feito de suas riquezas , só intervindo nas guerras , para se oppôr á desmedida ambição da França , e manter o equilibrio das Potencias , que antes subsistia (mais ou menos perfeitamente) e que era tão favoravel á geral tranquillidade , industria , e opulencia. Por este equilibrio , a civilisação tinha já feito quasi iguaes progressos nas partes mais nomeadas da Europa ; de sorte , que , sahir de huns Estados para outros , apenas parecia haver-se mudado de lingua , clima , e domicilio. Dando-se os devidos descontos aos defeitos das Instituições humanas , e abusos inveterados , em qualquer paiz de governo regular se achava a mesma urbanidade , facil accolhimento de estrangeiros , energia , emulação nas artes e sciencias , e os identicos principios de justiça. A Revolução da França , e a ambição do seu Governo veio desordenar tudo , e obstar aos possiveis melhoramentos , encadeando o Commercio , e constituindo o Imperio Francez hum Poder collossal , composto de partes heterogeneas com antipathias invenciveis , em que só predomina violencia , e simulação.

He contra a verdade historica , e contra a natureza das cousas , attribuir-se á Grã Bretanha as calamidades da Europa , e o ser a causa , e ter interesse de perpetuallas. O Governo Inglez não foi o aggressor da guerra , nem infractor da paz de *Amiens*. Se declarou aquella , foi ja no anno de 1792 , quando os Revolucionarios , orgulhosos com a victoria de *Gemape* , praticarão a mais tremenda aggressão á todas as Nações civilisadas , não só amea-

ameaçando a desorganização dos Estados do Continente, prometendo dar protecção aos novadores e rebeldes de todos os paizes; mas até fazendo notorias maquinações para excitar insurreição na Gran Bretanha, insufflando ahi por emissarios o seu espirito de vertigem, que constituiu ao proprio paiz hum inferno de viventes, governado por hum Pandemonion igual ao que o Poeta *Milton* descreve no Cáo. Então o Governo Britannico se esforçou em apagar a chamma dentro de seus reinos, e atalhar que não larysse com mais violencia fóra.

A boa fé do Governo Britannico depois da paz de *Amiens* se manifestou na prompta entrega do Cabo da Boa Esperança, e do Egypto. Mas como entretanto o Governo Francez invadio a Suissa, reteve as suas tropas na Hollanda, apoderou-se da principal parte da Italia, e fez as alterações tão notorias do tempo, contra a letra e espirito daquelle Tratado, e até declarando em Acto Publico a Paris, *Capital do Mundo*; e instando o Governo Inglez contra estes procedimentos, deo-se-lhe com sarcasmo a resposta de que *erão bagatellas*, foi forçoso não entregar Malta; e seria imbecil o Ministerio senão procurasse atalhar os vôos das Novas Aguias do verdadeiro Violador da paz simulada, que mostrava só calcular a força que tinha nas mãos, procurando illudir aos credulos, e não sendo retido por alguma consideração moral. Só miopes politicos, ou fascinados com os prestigios da magica do dia, podião não penetrar os designios de hum Inimigo tão activo, e emprehendedor dos projectos os mais extraordinarios, e incogitados.

Tambem só os que tiverem perdido a razão podem sustentar que a Gran Bretanha interessa na guerra. Esta destroe mil vidas e riquezas, e obsta á sua reproducção. Em tempo de guerra grande parte dos braços e capitaes se dirigem á obras improductivas, ou destructivas, e não se podem produzir e fabricar as mercadorias de geral gosto das Nações civilisadas. Como poderião

os Inglezes achar conta em commerciar com paizes devastados? Que se pôde tirar de indigentes? O seu evidente interesse he que todas as Nações prosperem, para lhes bem pagarem os productos de sua terra e industria. A guerra, longe de augmentar as suas riquezas, os tem empênhado em grandes remessas do proprio cabedal, para se pagarem os Exercitos das Potencias que auxiliou. Em quanto os Inglezes não perderem o espirito mercantil e naval; em quanto conservarem a sua Constituição, que dá altivez aos animos, e continuos meios de adquirir intelligencia, donde vem todos os bens da vida, em quanto proseguirem no systema de trabalharem com o maior possível numero de maquinas, para serem mais perfeitas e baratas as suas obras; em quanto, pela superioridade de seus Capitaes, poderem fiar, e fazer longos creditos de suas fazendas ás mais Nações, estas necessariamente preferirão o seu mercado, e nenhum concorrente os rivalisará com successo.

Por estas razões até a mesma França não pôde passar sem o commercio Inglez. Lea-se a Mr. *Simonde*, Economista Francez deste Seculo, na sua Obra da *Riqueza Commercial*. Elle he Membro de hum Tribunal de commercio daquelle paiz, e não he crível que exaggerasse os factos, e falrasse á verdade. Alli affirma, que, não obstante as mais severas prohibições do Governo Francez, a França recebia grandes proveitos do contrabando Inglez, que já estava reduzido á hum commercio regular á abrigo dos seguros simulados. Por este, varias fabricas da França arruinadas começavão a reviver. O credito das manufacturas Inglezas era alli tão exaltado, que hum dos Membros do Governo, Inspector das Fabricas Mr. *S. Angely*, requereo huma Lei contra os Fabricantes que dizia serem indignos do nome francez, por falsificarem as fazendas da propria fabrica, sortindo-as com as Inglezas, para acharem venda. Isto consta dos papeis publicos.

Os faceiosos, e mercenários êchos politicos, affectão temer a ambição Ingleza, e calunnião o seu commercio, cegando-se sobre

bre que se vê passar ante os olhos de todos nos mais bellós paizes da Europa. Onde os Inglezes commerciavão com mais franqueza, como na Hollanda, e Cidades maritimas daquelle Continente, e da America do Norte, a industria e riqueza do paiz era mais energica e progressiva. Por toda a parte onde entrão suas Embarcações e Fazendas, não fazem mais que offerecer a venda das mais uteis, variadas, e lindas obras da Natureza e Arte, tratando-as principalmente por materias de manufacturas, artigos de subsistencia, e outras producções dos paizes com que tratão; e nisso não fazem a menor violencia, só seguem a demanda effectiva, já declarada, do lugar, ou povoação, pela offerta espontanea e innocente; não offendendo, nem repellindo aos competidores nacionaes ou estrangeiros.

Onde porem entrão os exercitos francezes, não se vê senão extorsão, pobreza, miseria, destruição do credito particular e publico, prohibição do commercio exterior, e horroroso marasmo mercantil, imagem da morte social. Por unico equivalente, do que espolião aos Soberanos e povos, só offertão baioneta, cega obediencia, recruta; e, do contratio, arcabuzada, fome, desesperação. Se ali se faz algum commercio, he avesso, e contra os habitos dos povos, e naturaes relações estabelecidas; o que necessariamente deve influir na inferioridade, e imperfeição dos productos. Bem já observou hum dos homens illustres da França, Mr. *Fenelon*, que o commercio he como a fonte pura, que secca, ou se obstrue, e corrompe, quando se turba a sua matriz, ou se veda, e corta a sua natural corrente.

A accusação de monopolio, que se faz aos Inglezes (prescindindo-se d'Asia, onde todas as Nações o tem praticado, quanto o poderão) he huma calunnia a mais fementida, e que se desmente pelo *Grande Phenomeno Moral*, que está aos olhos de todo o Mundo.

Como he possivel imaginar monopolio, e consequentemente

conspiração e colloio, em milhares de Navios e commerciantes Inglezes residentes em tão varios e remotos lugares, ou vindo a tão differentes portos da Europa, tendo os individuos tantos caracteres particulares, e diversificando os seus meios, creditos e recursos, para não poderem vender as respectivas mercadorias aos mesmos preços e termos? Quanto mais extenso e ramificado se considerar o commercio dos Inglezes na Europa, tanto menos he praticavel alguma combinação odiosa contra a generalidade dos consumidores de todos os paizes.

Se elles excluem alguns concurrentes no mercado geral, não he por força physica, illegal, e de authoridade publica, (pois não podem obrigar a pessoa alguma a comprar-lhes o que offerem, principalmente onde não tem privilegio por Tratado, ou extraordinarios favores dos Governos) mas o fazem por huma força moral, irresistivel, e benefica á todos os paizes, pela relativa superioridade e barateza de suas fazendas; o que he de evidente commodo, ainda ás infimas classes. Acresce (em geral) a sua boa fé mercantil, e a franqueza, e possibilidade de adiantar fundos á racional interesse ás Nações onde tem vastos estabelecimentos, e correspondencias regulares. Se assim não fosse, como he possivel entender tão voluntaria, successiva, e obstinada demanda e freguezia que os Inglezes tem em todas as partes da Europa, e ainda na França, que, sem embargo de todas as violencias de sequestros, e tantos cordões de tropas, triplas linhas de Alfandegas, e continuas tomadias, não se tem podido de todo obstar á importação de mercadorias Inglezas, nem cortar os invisiveis fios do seu cambio com todos os Estados? Donde vem a universal illusão de querer tanta gente não só commerciar com os Inglezes, e dar-lhes o seu oiro, mas até de espontaneamente levarem os seus thesouros para os Bancos da Gram Bretanha? Como se póde explicar este assombroso monumento de Credito Publico, sem se reconhecer candidamente, que em a Nação a Inglez a predomi-

minão os principios fundamentaes da Justiça Natural , Civil , e Politica , e que consequentemente a *Moral Nacional* está sobre as mais solidas bases ?

Porque nunca pode a França obter igual credito , nem ainda no proprio paiz ? Na sua pomposa *Statistica* que deo á luz (que não illude a ninguem de senso commum), ella assoalha o seu famoso *Banco de Pariz* , como hum Estabelecimento o mais bem fundado e esperançoso. Mas este filho espurio , ou antes informe aborto de rivalidade , e imitação dos Inglezes , foi suffocado logo em o nasçedôro (*). A razão he peremptoria. Espirito de Commercio , e regimen militar , são incompativeis. Dizer-se á industria , e commercio , que se vão abrigar aonde prevalece hum Poder que faz a sua vontade a suprema Lei , que prohibe , ou paralysa a seu arbitrio o trato humano , he o mesmo que dizer á pomba , e ao cordeiro , que vão descançar na vizinhança do açôr , e do lobo.

A França argue á Gram Bretanha de atacar a *Liberdade dos Mares* , visitando e aprezando os Navios Neutros , que cobrem a propriedade inimiga. Diz que he de Direito das Gentes , e Lei das

Na-

(*) Aos que duvidarem do facto remetto para as folhas publicas do anno de 1806 , e até para o nosso Correio Mercantil de 10 de Junho do mesmo anno , que se refere aos papeis officiaes de Paris de 8 de Maio. Eis os termos.

„ O Imperador quiz examinar a natureza e extensão do descredito , que experimentou o Banco. O seu destino era realisar o credito geral. A Direcção do Banco incorreo em infracções Capiteas. I. Não devia admittir as letras de circulação , creadas collusoriamente entre as partes , sem causa , nem valor real. II. Não devia attribuir aos Accionistas direito algum especial ao desconto em razão de suas acções. III. Devia estar sempre disposta a trocar os seus bilhetes á vista , e regular a sua emissão conforme esta obrigação. O Banco faltou successivamente a tudo isto.

Nações civilisadas , que a *Bandeira Neutra faça a propriedade neutra.*

No tempo de paz o Governo Inglez não obsta ao Commercio das Nações, nem tolhe a liberdade dos mares. Mas no tempo de guerra considera-se com direito de visitar e aprezar os Navios Neutros que cobrem a propriedade de seus inimigos, isto he, da França, e dos que ella attrahe a seu partido, e igualmente quando intentão ir a portos bloqueados. A mesma França e Hespanha estabelecerão esse Aresto, quando tiverão grandes forças Navaes, e sem alias terem igual necessidade, pois a independencia dos seus Estados era segura. Agora se a França, pelo quasi irresistivel ascendente de suas armas, pôde invadir toda a Europa, he evidente que, se as Nações neutraes lhe levarem tudo que ella precisar, e cobrirem o seu commercio, não tendo em consequencia detrimento consideravel nesta parte (onde só, e mais efficazmente, pode ser atacada), não porá termo ás suas pertencões e conquistas. He claro que taes Nações por cubiça mercantil sacrificão todas as outras á França, e até a si proprias, e fazem aos Inglezes (como elles dizem) *guerra em disfarce*; pois, de facto, se constituem as Alliadas mais uteis á Potencia que opprime a todas no Continente, e vem a constituírem-se complices, e fautoras da sua universal usurpação. E tendo toda a Nação direito, como cada individuo, a manter a sua existencia, o Governo Inglez se considera obrar pela Lei Suprema da Defeza Natural, e Salvação do Povo, para obstar que seja illudida e atacada por este doloso expediente das Nações neutraes.

As conquistas da Gram Bretanha na India tem procedido das guerras da França, e de suas intrigas com os Principes Asiaticos. Ellas não offendem as Potencias da Europa, nem diminuirão o seu poder relativo: antes as riquezas que dali se tiravão, tem servido para auxiliallas contra a França. Se, como diz o seu acima citado Mestre de Politica, *o despotismo se tem immemorial-*

men-

mente naturalizado naquelle paiz, a Humanidade ganha em que os povos estejam sob o imperio de huma Nação tão civilizada e commerciante, que pôde, e, de facto, mais que alguma outra, tem já muito contribuido para a prosperidade dos povos dessa rica península. Das Nações que têm invadido os seus territórios, a que se considerár innocente, atire a primeira pedra contra o Governó Inglez. Quem ignora o que fizeram os Francezes, e Hollandezes nas possessões que tiverão na Asia? Fomos tambem ali nós sem mancha?

He bem notorio, que nos paizes sujeitos á Gram Bretanha se tem com o tempo deminuido muitos abusos, e barbarismos dos Potentados, do povo, dos Agentes do Governo. Os Inglezes tem com a maior curiosidade, e diligencia procurado traduzir e dar á luz os livros das antiguidades, e religião dessas gentes. Elles tem em Bengala Academias para se aprenderem as linguas dos indigenas. Eis optimos annuncios, e preparativos do progresso da civilisação de toda Asia! A nossa gente que vai aos Estabelecimentos Inglezes tem reconhecido a regularidade do seu regimen, e como dão efficaz protecção ainda ás mais desvalidas classes dos naturaes do paiz contra toda a violencia.

Os que requerem disto maior prova, leão a Mr. Page, Escriptor de Economia Politica Francez deste seculo, e verão, que, a pezar da animosidade das duas Nações rivaes, e parcialidade dos Francezes á seu paiz, elle confessa a superior intelligencia e liberalidade de principios de Governo da Gram Bretanha nessas partes, comparadas com as das mais Nações Conquistadoras. Basta notar, que estando antes os povos da India sob o jugo dos Soberanos despóticos, em modo que até estes erão os Senhores de todas as terras, e os Lavradores mal as possuião por arrendamentos precarios dos grandes Monopolistas Rendeiros da Coroa; hoje a Companhia Ingleza as dá por *contractos emphyteuticos*, como entre nós os prazos, e asoramentos, passando aos colonos o senho-

rio útil, ficando aquella sómente com o senhorio directo. Assim os povos são animados a fazerem com segurança as bemfeitorias mais uteis, crescendo em consequencia a riqueza particular e publica.

Além disto, pelo genio mercantil, e industria manufactureira dos Inglezes, he constante, que as fazendas e obras das artes refinadas da Gram Bretanha achão hoje troco e grande valor nos mercados da India, e são do uso commum dos ricos Commerciantes e Senhores da terra; o que he do melhor agoiro ao progresso da communicacão e consequente civilisacão dos povos. Elles tãobem ahi tem já estabelecido o systema de credito da Metropole, não obstante os defeitos e abusos da sua companhia exclusiva, que não foi só invençãõ Ingleza, mas tãobem da pratica Franceza, quando tiverão territorios na India; e *Mr. Aqueuil du Perron* ainda nestes ultimos tempos, dando hum Plano ao Governo para restabelecimento de suas possessões nessas partes, aconselha a creacão de igual Companhia, esforçando-se em provar a sua necessidade.

Os nossos interesses do Commercio não soffrem por isso de modo visivel; antes, ao contrario, he notorio que as Fazendas Inglezas vindas d'Asia se vendem muito mais baratas na Europa do que nós o podemos fazer no Reino, indo ali buscallas em direitura com tantos riscos, remessas d'oiro e prata, e empate de Capitaes. Bem mostra *Smith* que o commercio de lugares tão remotos só pode ser feito com vantagem por Nações de grandes fundos; e que melhor seria ás outras, que mal tem com que cultivem as suas terras, e manufacturem algumas obras ordinarias, comprar antes alguma cousa mais caro as drogas d'Asia, e não desvairar seus Capitaes das direcções mais naturaes, e importantes do proprio paiz. O mal está em quererem todos ter tudo sem iguaes meios: dahi nascem os conflicts, odios, e pretextos de queixa e guerra.

O ataque que os Inglezes fizeram ás Fragatas Hespanhólas ple-
 ramente se justifica pelos antecedentes factos da mais visivel e
 decidida aggressão da Hespanha, pois fazia notorios armamentos das
 suas Esquadras em Ferrol no seio da paz com a Gram Bretanha;
 e constando á toda a Europa que a França ali dispunha á seu arbi-
 trio das forças do Reino. O Governo da Hespanha só respondeu
 com evasivas as Notas urgentes do Ministro Inglez, como se vê dos
 Officios que o Governo Britannico fez publicar. Armamentos, e
 provocações são as verdadeiras Declarações de guerra, e não os
 simples Manifestos. A infelicidade da Fragata que voou, não era da
 intenção dos Inglezes, que só pertendião impedir, que a Marinha
 e o Erario da França se augmentasse com novos vasos e the-
 souros. Se a Hespanha, que já tanto figurou na Europa, se quiz
 prostrar á França, e assim involver em igual ruina outras Potenc-
 cias, a Gram Bretanha devia provêr a sua segurança, e honra,
 não poupando a inimigos palliados.

O bombardeamento de Copenhague he doloroso á Humanida-
 de. Mas, para se justificar como necessidade politica, basta a confis-
 são da França; pois decretando o seu Governo de proximo huma
 nova recruta de 80000 conscriptos, diz o Relator do projecto, o
 Ministro da Repartição da guerra, que a *rapina, que os Inglezes
 fizeram na Marinha Dinamarqueza, e de Portugal, não deixarão
 a Europa sem Náos para a invasão da Gram Bretanha.* Eis a
 evidente prova da intenção do Governo Francez de se apoderar da
 Marinha das Potencias da Europa, que lhe não podião resistir,
 para com ella completar o seu Publico Plano da invasão de Ingle-
 terra. Em tal caso he injustiça culpar o Governo Inglez que offerencia
 a restituição da Marinha de Dinamarca, e que só destinava re-
 mover a propria ruina. O Governo Dinamarquez oppunha a sua
 honra á Existencia da Nação Britannica, e reduzio o Almirante
 da Expedição á horriavel extremidade de o compellir á entrega das
 Forças Navaes, que de certo cahirião em mãos do Inimigo, que

estava nas visinhanças, e que tinha constituido imminente e inevitavel o perigo, se não fosse opportunamente prevenido. Elle podia dizer com Tito ante os muros de Jerusalem. *Ceos ! o crime não he meu.*

Pertende-se assustar as phantasias exaggerando-se o horrifico poder da França, receando-se que o Governo Inglez ceda, ou succumba, tendo contra si confederada toda a Europa. Não tenho presumpção de ver no futuro. Mas, como o drama não findou, será sempre pio voto agoirar bem á Humanidade, que será oppressa, ou melhorada com a queda ou victoria da Gram Bretanha. Persuado-me que a Augusta Fabrica da Magestosa Albião não será derribada pelos Vandalos Modernos. Quem pôde suster os impetores da Anarchia Revolucionaria da França, tambem saberá oppôr barreiras á sua Tirannia Militar. O combate he entre a Intelligencia e a Phrenesia. Confederações violentadas e illusorias não valem a liga natural, e invencivel de todos os espiritos rectos, e Governos regulados, que olhão para o Governo Inglez, como o Salvador da civilisagão. Será sempre de gloria immortal á Gram Bretanha ter dado ao Mundo o magnifico espectaculo de haver protegido a independencia de tantas Nações illustres. A infelicidade do éxito não escurece a excellencia do desigño. A historia consagrou os nomes dos Defensores de Roma, ainda que o vencedor das Gallias triumphasse do Senado. O Olho do Eterno sempre estará sobre o Universo. Concluirei com hum dos Orthodoxos Poetas da França:

*Celui qui met un frein à la fureur des flots,
Soit aussi des mechans arreter les complots. (*)*

O Governo Inglez já nos soccorre na grande catastrophe do

(*) Racine.

terremoto de Lisboa, suprimindo-nos do necessario. Agora nos acudio opportunamente no ainda maior terremoto politico, prestando-nos todos os notorios soccorros, que a Humanidade podia exigir. Eis novos trophéos, e gloriosos titulos ao nosso reconhecimento. O caracter moral que ennobrece os individuos, ainda mais realça a honra das Nações. A gratidão não he tanto huma virtude como hum dever. E quando se trata de beneficios assignalados, só scelerados não prestão condigna remuneração ao Bemfeitor, quando chega a vez de lhe não serem indifferentes decisivos signaes de retribuição, com obsequio affectuoso e elevado. Os nossos Soberanos tem erigido o principio em regra legal, estabelecendo a nobre maxima de *se não dar auso a cabirem os homens em crime de ingratição* (*).

Por esta consideração pois tambem devemos commerciar especialmente com os Inglezes, e com plena satisfação e confiança. E se nisso tenho insistido com ardor, he porque sinto ser do meu dever entrar assim com o meu contingente de agradecimento, pelo menos confessando o beneficio recebido do Governo Biritannico, verdadeiramente Imperial, pois tem defendido, quanto era possivel, os Estados cultos; e de huma Nação, verdadeiramente Grande, pois com seu dinheiro, trabalho, e sangue, tem feito a guerra aos inimigos do commercio leal, traspassando os mares para fazer reinar a Justiça; podendo-se-lhes com ainda maior razão applicar o elogio, que o Historiador do Imperio Romano fez ao seu Governo e Povo.

*ESSE ALIQUAM IN TERRIS GENTEM, QUÆ SUA
IMPENSA, AC SUO LABORE, ET PERICULO, BEL-
LA GERAT PRO LIBERTATE ALIARUM. NEC HOC
FINITIMIS, AUT PROPINQUÆ VICINITATIS HO-*

L ii

MI

(*) Ordenação do Reino Liv. 4. tit. 62. § ult.

MINIBUS, AUT TERRIS CONTINENTI JUNCTIS,
PRÆSTET; SED ETIAM MARIÀ TRAJICIAT, NE
QUOD TOTO ORBE TERRARUM INJUSTUM IMPE-
RIUM SIT, SED UBIQUE JUS, FAS, LEX, POTEN-
TISSIMA SINT.

Tit. Liv. Hist. Lib. 33.

FIM DA PARTE II.

CARTA DE HUM AMIGO AO A.*Senhor José da Silva Lisboa.*

CONSTANDO-me que v. m. procura com as suas vastíssimas luzes mostrar a geral utilidade que se deve esperar da ampla admissão de todos os generos de commercio em os Portos do Brazil, em que ha Alfandegas, sem reserva de Nação alguma, que seja amiga ou alliada, bastando qualquer destas qualidades para ser admitida com toda a franqueza e igualdade, me resolvo a communicar-lhe alguns apontamentos, que fiz ainda antes da faustissima chegada de S. A. R. o PRINCIPE REGENTE NOSSO SENHOR á esta Corte do Rio de Janeiro, e sem ter noticia da bemfazeja e assaz luminosa Carta Regia, que se havia dignado publicar durante a sua arribada á Cidade da Bahia, com a qual lançou os mais vastos e seguros alicerces da riqueza e opulencia do seu Imperio Brazilico, apontamentos que então fiz para serem ao depois desenvolvidos em diversas Memorias com a extensão conveniente á cada hum dos objectos. Como porém o estado de minha saúde, e os negocios que me cercão, absolutamente me privão de executar a tarefa, que me havia proposto, unicamente por satisfação do desejo sincero, que sempre tive de ser util ao Real Serviço, e dos votos que constantemente fiz e faço pela prosperidade da minha Nação, persuadido de que, podem ser uteis, e merecem ser desenvolvidos os objectos, que me occorrêrão, tendo já tido a grande satisfação de os ver em grande parte adoptados pelo

nosso Ministerio, por hum feliz encontro e congruencia de ideas; que frequentes vezes acontecem, quando se parte de verdadeiros e solidos principios, vou communicar-lhe estes objectos taes se me apresentarem, esperando do seu patriotismo, e luzes, que os desenvolverá convenientemente.

Objectos, que dizem respeito ao Systema Politico das Relações Exteriores do Brazil, seja com Nações Estrangeiras, seja com os outros Dominios Portuguezes.

1.º **○** MONOPOLIO que Portugal tinha a respeito de ser o unico Deposito dos Productos do Brazil, e de que todo o Commercio dos Dominios Ultramarinos se fizesse somente pelos seus Portos, deve julgar-se extinto, ainda quando Portugal torne, como he de esperar, a fazer parte da Monarquia Portugueza. A situação de Portugal na Europa, que he mui feliz, e a experiencia que fez a Gram Bretanha depois da emancipação dos Estados Unidos da America, não podem deixar duvida de que os maiores destinos, a que o Brazil hade chegar possam compensar, e muito vantajosamente a perda que Portugal fizer no Monopolio de que gozava, muito mais que se tornar a ser ali a sede do Imperio, sempre a isenção de Direitos nas suas Manufacturas, e o maior favor concedido aos seus productos hade fazer-lhe muito vantajoso o Commercio do Brazil.

2.º Os Portos do Brazil devem ficar abertos a todas as Nações com quem estivermos em paz e boa intelligencia: e desde já he necessario systemarmos o nosso Commercio com a Gram Bretanha, procurando, que os nossos Productos do Brazil ali se-
jão recebidos em huma pé igual ou quasi igual aos das suas Antilhas, e que passem livres quando só forem por deposito, ou que em qualquer caso gozem do favor do Drawback; estipulando em reciprocidade a admissão de todas as suas Manufacturas, sujeitas

porém aos Direitos que se estabelecerem nas Alfandegas ; e para fazer mais apreciavel esta graça , póde declarar-se (o que pela ordem natural das coisas não póde deixar de ser) , que para o futuro sempre esta admissão ficará existindo , ainda que a Corte se transporte outra vez para Portugal.

3.º Este systema de admissão das Manufacturas Estrangeiras debaixo da condição de se dar entrada aos nossos Productos não deve parecer extraordinario , nem damnoso aos nossos interesses , porque o alto preço da mão de obra , e dos cabedaes em Paizes , onde a Povoação não he proporcional á extensão dos terrenos , que se devem pôr em cultura , faz muito mais preciosa a extensão da Agricultura , do que a das Manufacturas , que mal podem rivalizar com as dos Paizes , que estão no caso contrario , e o exemplo dos Estados Unidos da America prova isto mesmo. No Brazil por ora só devem animar-se as Manufacturas mais indispensaveis , quaes são : I.º Os tecidos grosseiros para o vestuario dos Pretos , e Gente do Povo : II.º As fabricas de vidros e louça de toda a qualidade , particularmente a grosseira : III.º As construcções de Náos , e de toda a qualidade de Navios , as Cordoarias , Manufacturas de Lonas , e todas as Artes de ferro , que servem para Ancoras , Pregos , etc. IV.º A Typografia ; Fabricas de papel , de armas , e de Polvora : V.º Finalmente o preparo e aproveitamento das nossas minas de ferro e cobre não sómente para o consumo do Paiz , mas para ser exportado.

4.º No estado actual das cousas , e para segurar quanto for possivel sem decadencia as culturas preciosas do Brazil , he indispensavel estabelecer Comboyos para os Portos da Gran Bretanha , para as nossas Ilhas dos Açores , e para a Ilha da Madeira , e isto com a maior brevidade. Nas Ilhas que pertencem á Coroa de Portugal he indispensavel que se estabeleça por principio , que só os generos , que se desembarcarem para o consumo das Ilhas pagarão direitos , e que os outros , que ficarem em deposito para serem

trans-

transportados nada pagarão, excepto a despeza dos Almazens, em que forem guardados. A estreiteza, em que se acha a Matinha Real fará indispensavel, que se liguem os Portos, que estão ao Sul do Cabo de Santo Agostinho, e cujos principaes são Pernambuco, Bahia, e Rio de Janeiro ao mesmo Comboy, que irá recebendo os Navios nos ditos Portos: e que sejam ligados a outro Comboy os Portos da Parahiba, Séará, Maranhão, e Pará: sendo talvez necessario que haja por anno dous Comboyos de cada humas das posições indicadas.

5.º Os Navios estrangeiros não serão admittidos senão nos Portos onde se estabelecerem Alfandegas: e nos outros Portos da Costa haverá todo o cuidado em se evitar o desembarque e venda de Fazendas não despachadas, que são as que unicamente ficarão reputadas Fazendas de contrabando.

6.º A situação actual da Potencia com quem vamos ter as maiores relações commerciaes, faz indispensavel, que além de procurarmos animar todas as preciosas culturas, que o Brazil actualmente tem, cuidemos muito particularmente em dar logo a maior extensão possível á cultura do linho canhamo no Rio Grande: e que igualmente cuidemos no corte de Madeiras de construção, que poderemos vender com muita vantagem á Gram Bretanha, alem das que forem necessarias para as nossas construcções Navaes, em que muito se deve cuidar. A aquisição e cultura da Noz muscada, da Canela e Pimenta da India, que já temos, do Cravo da India, da Papoila que dá o Amphion, da Teca, do Pau de Sandalo: a Coxonilha, o Anil etc. etc. são objectos da maior importancia, e que devem merecer todo o cuidado.

7.º O commercio para os Portos da Azia deve talvez estabelecer-se privativamente no Rio de Janeiro, e dali devem partir os Navios para os Portos de Moçambique, Costas de Malabar e Coromandel, Bengala, Macau, como partião de Lisboa: e a Mesa da Inspeção tornada em Junta de Commercio deye praticar as

mesmas formalidades e publicações, que se usavão em Lisboa, e que fazião que o Commercio da Azia se podesse fazer, sem Companhia exclusiva, o que nenhuma outra Nação ainda conseguiu.

8.º Deve-se animar e promover com o maior cuidado o estabelecimento de marinhas de Sal por toda a Costa do Brazil, e buscar este genero de primeira necessidade pelo commercio com as Ilhas de Cabo Verde, e Costa de Africa, em quanto as marinhas actuaes, e as que se estabelecerem de novo na Costa do Brazil, não derem todo o necessario.

9.º Convem desde logo haver o maior cuidado em procurar bons Povoadores Europeos para o Brazil, e uteis Vassallos de S. A. R., não sómente das Ilhas dos Açores, e de Portugal, mas de toda a Europa, havendo porém a mais severa Policia e o maior disvelo em inspectar os que vierem de novo, para que não sejam emissarios de Bonaparte, ou venhão infectados dos principios Anarchicos e monstruosos da terrivel revolução Franceza, extendendo-se este cuidado e attenção aos que já possão existir.

estrangeiros formellados e publicações, que se fazem em Lisboa, e que tanto o Governador da Bahia se pode fazer, sem Com-
missão exclusiva, e que nenhuma outra Nação mais consiga.

8.º Deve-se antes e promover com o maior cuidado o esta-
bellecimento de manufacturas de Sal por toda a Costa do Brazil, e
fazenda que tanto de primeira necessidade pelo commercio com
as Ilhas de Cabo Verde, e Costa de Africa, em quanto as ma-
nufacturas se fizerem, e as que se estabelecerem de novo na Costa do
Brazil, não deiram todo o necessario.

9.º Convenem desde logo haver o maior cuidado em procurar
bons Povoadores Europeos para o Brazil, e mais Vassallos de
S. A. R., não sómente das Ilhas dos Açores, e de Portugal,
mas de toda a Europa, havendo porém a mais severa Policia e o
maior cuidado em impedir os que vierem de novo, para que não
sejam emigrados de Honnra, ou venha a infernidade dos Principes
Europeos e mantimentos da terrivel revolução Francesa, exen-
do-se de todo o cuidado e atencão nos que se possao existir.

10.º Deve-se desde logo estabelecer a mais severa Policia, e
cuidado em impedir os que vierem de novo, para que não
sejam emigrados de Honnra, ou venha a infernidade dos Principes
Europeos e mantimentos da terrivel revolução Francesa, exen-
do-se de todo o cuidado e atencão nos que se possao existir.

11.º Deve-se desde logo estabelecer a mais severa Policia, e
cuidado em impedir os que vierem de novo, para que não
sejam emigrados de Honnra, ou venha a infernidade dos Principes
Europeos e mantimentos da terrivel revolução Francesa, exen-
do-se de todo o cuidado e atencão nos que se possao existir.

ERRATA S.

Pagina	Linha	Erro	Emenda
12	10	Urbem hanc	Urbem
30	27	matrizes	matizes
31	14	obter	se obter
34	8	ao valor	em valor
34	10	Adeptos	Adeptas
34	ult.	primodial	primordial
35	2	cemiterios	c�meterios
35	ult.	exercido	exercida
37	30	de Lisboa da Corte	na Corte de Lisboa
37	27	os Braços	as Praças
38	17	occasionará	occasionava
40	4	da sahida	dar sahida
42	5	cuja authoridade	cuja doutrina
43	25	ligarão	ligav�o
47	17	d�vidas	devidas
49	2	mas t�obem	e t�obem
50	28	colludirem	collidirena
57	8	achar�o	achar�o
61	1	causas	cousas
78	29	deminuir� o	deminuir�o
88	10	cstrangeiros	estrangeiros

ERRATA.

Page	Line	Word	Correction
11	10	libros	libros
20	27	tratar	tratar
21	14	obter	obter
24	8	no valer	no valer
24	10	Adoptar	Adoptar
24	ult.	primordial	primordial
25	2	comunicar	comunicar
25	ult.	exordio	exordio
27	30	de libros de Cortes	de libros de Cortes
27	27	os libros	os libros
28	27	ocasionar	ocasionar
40	4	de saber	de saber
42	5	cuja autoridad	cuja autoridad
43	25	ligar	ligar
47	17	divida	divida
49	2	mas libros	mas libros
50	28	colligam	colligam
27	8	schano	schano
61	1	conar	conar
78	29	denunció	denunció
88	10	extrangeros	extrangeros